

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Setembro-Outubro de 2010



**Sugestões
para tornar
o sermão digno
de crédito, p. 21**

Visão do Crucificado

**Genuína experiência de fé em Deus e em Cristo
é o mais importante requisito para o pastor**

Liderança, segundo Ellen G. White, p. 11

Um apelo à intimidade com Deus, p. 25

Lobo

Exemplar avulso: R\$ 9,90



Autoridade e credibilidade

Autoridade e clero – nem sempre essa tem sido uma boa combinação. Mas, como um clérigo pode trabalhar sem autoridade?

O mundo tem muitos exemplos de abuso de autoridade cometido por clérigos. Às vezes, eles têm usado até autoridades seculares para defender sua causa, e alguns ainda dizem que fizeram isso para salvar as pessoas envolvidas. Talvez, o alvo seja legítimo, mas frequentemente o resultado tem sido violência e, não muito raramente, morte. Qualquer que tenha sido o motivo, esses resultados não podem ser justificados.

Noutras vezes, o clérigo tem usado sua autoridade e permanece trabalhando na comunidade com propósitos diabólicos. Em todo o mundo, somos bombardeados com notícias sobre abuso sexual cometidos por clérigos, especialmente contra crianças. Angustia-me ler e ouvir sobre os detalhes dos relatos. Em muitos casos, nada foi feito a respeito desses atos demoníacos. E, se você pensa que alguma denominação está imune a eles, está enganado.

Recentemente, vi uma charge no jornal *Washington Post* (29/03/10) que me disse o que muitos pensam dos clérigos. Tratava-se de um quadro de Jesus, acompanhado das palavras: “Deixai vir a Mim os pequeninos” (Mc 10:14). Na frente do quadro, um clérigo segurava um laço. Junto a esse, outro clérigo dizia: “Que grande oportunidade para recrutamento!” A tragédia é que alguns deles têm se comportado justamente assim: usando a autoridade espiritual com maus objetivos. Parece que vão longe os dias em que os clérigos eram indivíduos plenamente confiáveis.

Porém, acaso isso significa que o clero não tenha recebido autoridade? Se a recebeu, que tipo de autoridade é essa, e como ela é percebida e exercida? Mateus diz que Jesus “ensinava como quem tem autoridade” (Mt 7:29). Lucas nos diz que as pessoas em Cafarnaum “se maravilhavam com Sua doutrina, porque a Sua palavra era com autoridade” (Lc 4:32). Ao dar a grande comissão aos discípulos, Jesus lhes disse: “Toda a autoridade Me foi

dada no Céu e na Terra”. O que segue não é uma ordem para que fossem autoritários, mas: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:18, 19).

Parece que a autoridade aqui mencionada não é autoridade *sobre* pessoas, mas autoridade reconhecida por causa dos ensinamentos e resultados. Pastores não são generais militares, mas testemunhas vivas de transformação, convidando outras pessoas a viver a mesma experiência.

Autoridade secular, não raro, está ligada a exercício de poder – sobre a profissão, posição, dinheiro, propriedade, até mesmo a vida. Autoridade clerical está ligada à nossa vida espiritual e ao reconhecimento, pelas pessoas, de que somos fiéis aos princípios espirituais. A autoridade secular pode estar ligada a um documento legal credenciando alguém para exercê-la. Autoridade espiritual está ligada à Palavra de Deus. Onde quer que líderes espirituais tentem exercer autoridade que não lhes pertence, eles traem o povo de Deus prejudicando ou mesmo destruindo a vida espiritual desse povo.

Para que possamos desenvolver autoridade espiritual saudável,

devemos ter sempre em mente que essa autoridade está baseada em uma Pessoa. As Escrituras apresentam Deus como essa Pessoa e não como um mecanismo ou força impessoal. Nossa autoridade provém da fidelidade a Deus e Sua Palavra; não a temos como direito nosso, mas como dom. A autoridade espiritual deve ser nutrida ou se tornará opressiva e prejudicial a outros e a nós.

A autoridade espiritual tem que ver com a credibilidade da pessoa. Pode essa pessoa ser confiável? É alguém que vive o que ensina? Ou usa sua autoridade para ganho pessoal e até mesmo prejudicar outros? Tem ela autoridade por causa do título, ou aqueles que a rodeiam aceitam essa autoridade por causa de sua fidelidade a Deus e por viver a vida que Deus requer? Não podemos tomar emprestada a autoridade espiritual; ela é parte do nosso caráter.

Essa autoridade não é ilusória de modo que somente uns poucos possam obtê-la. Apenas temos que procurá-la nos lugares certos: Deus e Sua Palavra. ■

“Pastores não são generais militares, mas testemunhas vivas de transformação”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiléi Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Ilustração de capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Jerry Page;

Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger
Zevallos; Feliz Santamaria; Clodoaldo
Barbosa; Horácio Cairus; Ivanaudo B.
Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;
Montano de Barros Netto; Patrício B.
Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 47,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,90

 **CASA
PUBLICADORA
CASA
BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem *prévia*
autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.000 exemplares

5960/23300



Foto: Daniel Oliveira

O fator indispensável

Indubitavelmente, nossa época é rica em termos de conhecimento. Profissionais de todas as áreas têm à disposição vasto leque de opções através das quais podem se aprofundar e ampliar seus horizontes, tornando-se cada vez mais especializados na atividade que exercem. Embora, essencialmente, não deva ser considerado profissional, o pastor não fica à margem dessa realidade. Afinal, ele trabalha com pessoas e pode adquirir especialização em muitas ciências do comportamento como, por exemplo, psicologia do aconselhamento, habilidade para ouvir, solução de conflitos, planejamento, supervisão e liderança, motivação, para mencionar apenas algumas.

Ninguém pode negar a importância e a influência disso para nosso crescimento pessoal e relevância do nosso pastorado; mas há um perigo embutido: o de nos tornarmos apenas profissionais. Bons líderes, bons administradores, bons estrategistas e motivadores, apenas profissionais. Se não devemos rejeitar o conhecimento acadêmico, técnico, especializado, obtido no âmbito humano e material, precisamos estar atentos para que ele não supere aquele que é o fator indispensável e prioritário de nossa vida como pastores, isto é, excelência espiritual decorrente do conhecimento pessoal ou experimental de Cristo Jesus.

De acordo com Lawrence L. Lacour, “a espiritualidade é a raiz principal do poder e influência do pregador. A competência espiritual... está enraizada na autenticidade espiritual do pregador” (citado em John Fowler, *Ministério Pastoral Adventista*, p. 71). Ela está acima e além da mais sólida excelência profissional; está mais relacionada à vocação. Na verdade, “a vocação inicial de Deus para o ministério tem muito pouco que ver com habilidade ou capacidade ou competência. Pelo contrário, uma vocação tem tudo que ver com fé, devoção e consagração. Uma vocação, na maioria das vezes, se inicia no cerne de nosso ser onde Deus causa impacto em nossa identidade e em nossa autoestima, e move-se para fora, em direção às necessidades do mundo, ou a uma pessoa magoada, seja o vizinho próximo ou do outro lado da cidade. Uma vocação tende a clarear o significado de nossa vida e nos dar razão para viver” (H. B. London Jr. e Neil B. Wiseman, *Despertando Para um Grande Ministério*, p. 118).

Por mais excelente que seja, nenhuma experiência vivida por qualquer mortal, em qualquer área de atividade, suplanta o significado e a glória desse encontro com Deus, ou visão dEle. Que o diga Paulo, depois da experiência que teve na poenta estrada de Damasco. Essa visão é fator indispensável à vida do pastor. Ela molda nossa conduta, nossa pregação, nosso querer e efetuar no dia a dia. É ela que nos motiva a priorizar o cumprimento da vontade e a conclusão da obra dAquele que nos chamou (Jo 4:34). ■

Zinaldo A. Santos

SEÇÕES

10 ALEGRIA DE SER PASTOR

Pastor jubilado dá testemunho de sua realização pessoal no ministério.

11 LIDERANÇA ESPIRITUAL

Princípios de administração de igreja de acordo com Ellen G. White.



15 "TENHA BOM ÂNIMO".

Apesar dos desafios, a vida pastoral está cheia de motivos geradores de felicidade.

17 VISÃO DO CRUCIFICADO

O impacto da experiência da estrada de Damasco na vida e no ministério de Paulo.

21 O SERMÃO DIGNO DE CRÉDITO

Sugestões para dar credibilidade à pregação.

25 SUCESSO E COMUNHÃO

Um apelo à intimidade com Deus.

27 O SÁBADO NO TEMPO DO FIM

A importância do quarto mandamento para a escatologia cristã.

30 A SÍNDROME DE GEAZI

Como se livrar do perigo da distorcida familiaridade com o Santo.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

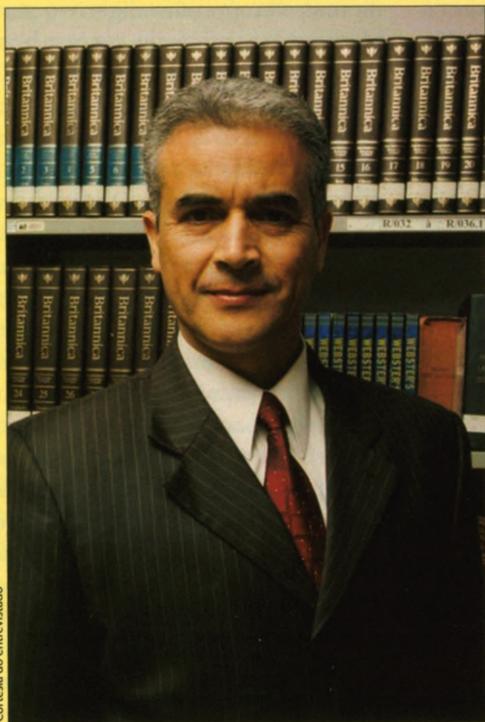
33 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Nossa experiência tem que ser marcada pela visão de Cristo e Sua graça. Ao falarmos sobre Cristo, ao apresentá-Lo ao povo, precisamos fazê-lo com a autoridade de quem O conhece pessoal e intimamente.” –

Wilson Paroschi



Cortesia do entrevistado

Portadores de esperança

“O pastor deve tratar toda ovelha ferida com o mesmo cuidado e o mesmo amor que caracterizaram as atitudes do supremo Pastor”

por Zinaldo A. Santos

Depois de concluir a Faculdade de Teologia, em 1984, no Instituto Adventista de Ensino, o paranaense Noel J. Dias da Costa, 49 anos, exerceu suas funções pastorais nas Associações Mineira Central e Paulista Oeste. Terminado o mestrado em Teologia, estudou Psicologia (1996-1999), no Centro Universitário Norte Paulista, em São José do Rio Preto, trabalhando, em seguida, como psicólogo e professor no Instituto Adventista Paranaense. Então, foi chamado para ser professor do curso teológico das Faculdades Adventistas da Bahia, onde também participou na implantação do curso de Psicologia. Atualmente, exerce o magistério no campus 1 do Centro Universitário Adventista de São Paulo e conclui o doutorado em Psicologia, pela Universidade de

São Paulo, USP. De seu casamento com a professora Erenita, nasceram os filhos Tiago e Ana Cristina.

Nesta entrevista, o pastor Noel fala da importância de o pastor conhecer a natureza humana e também apresenta princípios que tornam mais eficaz o aconselhamento pastoral.

Ministério: Qual foi sua motivação para cursar Psicologia?

Noel: No início do meu pastorado no norte de Minas Gerais, região muito carente de assistência à saúde mental, encontrei certa dificuldade em atender casos de pessoas que, supostamente, tinham problemas espirituais quando, na verdade, sofriam problemas de saúde mental. Então, percebi que deveria estudar mais sobre o assunto. Acabei apreciando

muito esse tema e, estudando sobre aconselhamento pastoral, foi fortalecido meu desejo de avançar nessa área. Fiz o curso de Psicologia, com o propósito de utilizá-la como ferramenta no exercício do pastorado.

Ministério: Obviamente, o senhor entende que o pastor deve ter boas noções de Psicologia.

Noel: Ellen G. White diz que todos aqueles que lidam com pessoas devem conhecer mais sobre a mente humana. No livro *Mente, Caráter e Personalidade*, ela enfatiza bastante a importância de conhecermos as questões que dizem respeito às emoções do ser humano, à mente e seus distúrbios comportamentais e de saúde. Vejo isso como uma necessidade imensa, porque o pastor tem acesso a casos que precisam de

atendimento profissional especializado. Muitos problemas enfrentados pelas pessoas têm aspectos que requerem ajuda psicológica. Durante o atendimento pastoral, ele pode fazer uma triagem e providenciar o encaminhamento. Quanto mais cedo isso for feito, mais satisfatórios serão os resultados. Além disso, a Psicologia melhora também aqueles que estão emocionalmente saudáveis. O pastor pode empregar seus princípios para ajudar os membros a descobrir e utilizar seus talentos, implantar métodos de trabalho, preservar relacionamentos, gerenciar conflitos, e outros aspectos do pastorado.

"O pastor deve se lembrar de que é representante de Deus na comunidade"

Ministério: *Até que limite pastor e psicólogo podem caminhar juntos, sem prejuízo da ética, e a partir de onde eles devem se separar?*

Noel: Eu diria que o limite está naqueles casos com dificuldade de solução, nos quais o pastor percebe que há questões alheias ao campo espiritual, como esquizofrenia e depressão grave, por exemplo. Para esses deve ser buscada ajuda especializada, embora isso não signifique que o pastor deva lavar as mãos. Ele deve acompanhar a ovelha, trabalhando em parceria com o psicólogo, tendo o cuidado de não interferir nem se sobrepor às orientações deste, a não ser que contrariem princípios bíblicos. Mas, o psicólogo cristão também estará empenhado em ajudar a pessoa no fortalecimento de seus referenciais espirituais.

Ministério: *A existência de conflitos entre membros de igreja demonstra falta de conversão, ou é normal da natureza humana?*

Noel: O grande problema no relacionamento humano é a natureza

pecadora do homem. O pecado traz consigo um componente de desagregação. Quanto mais próximos estivermos de Cristo, mais próximos estaremos uns dos outros, o que não implica inexistência de dificuldades. Todos nós somos diferentes, temos interesses e modos diferentes de ver o mundo e a nós mesmos. Essas diferenças podem causar tensões desnecessárias e, algumas delas, quando não resolvidas, podem gerar maiores conflitos. Há também dificuldades sociais que podem estar relacionadas à própria educação recebida pelo indivíduo; ele pode ter aprendido um modelo agressivo ou menos habilidoso de solucionar conflitos. Paciência, tolerância, consideração e respeito pelo outro são virtudes espirituais, mas também podem ser habilidades desenvolvidas. Por isso, acho que a questão deve ser trabalhada nas duas direções: psicológica e espiritual.

Ministério: *No processo de solução de conflitos, geralmente, ouvimos as partes, aconselhamos o perdão mútuo e ponto final. Isso é tudo?*

Noel: Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a reparação de danos é prioritária. O ofensor deve reconhecer o erro e ser conscientizado a respeito do dano que causou e da reparação que precisa ser feita. Precisa assumir a culpa e suas consequências, o que nem sempre é fácil, pois, não raro, o ofensor tende a não aceitá-las nem assumi-las. Aqui, o conselheiro deve trabalhar para ajudá-lo a se colocar no lugar do ofendido e ver, do ângulo deste, tudo o que o afeta. Enquanto não houver reconhecimento da culpa, humilhação do ofensor a ponto de se dispor a reparar o dano, será muito difícil a resolução de um conflito. Aliás, pode gerar novos conflitos.

Ministério: *Todo perdão tem que ser imediato? Por exemplo, um cônjuge traído não precisa de tempo para processar a dor e a mágoa?*

Noel: Perdoar é divino, é bíblico e terapêutico. Portanto, é indispensável. Algumas pessoas precisam de mais tempo para digerir o problema. Mas, em todo caso, a busca do perdão deve ser a meta. O evangelho é muito claro quanto à importância dele. As partes devem ser orientadas a dialogar, para que possam entender as razões mútuas. Porém, a solução é diferente para cada pessoa. Há pessoas muito sensíveis que devem ser encorajadas a se abrir para perdoar. Caso ou enquanto isso não seja possível, elas devem ser animadas a manter uma disposição pacífica, segundo a norma de Cristo, de amar os inimigos e orar pelos perseguidores. Pode não ser uma disposição fácil, mas o cristianismo a defende. Paulo disse que devemos procurar viver em paz com todos os homens.

Ministério: *Geralmente, pessoas que foram disciplinadas pela igreja se queixam da exposição a que foram submetidas ou do que supõem ser injustiça no processo. Como o pastor deve lidar com isso?*

Noel: Nesse caso, o pastor deve seguir rigorosamente todos os passos enumerados por Jesus, em Mateus 18, e reafirmados pelo *Manual da Igreja*. Pode também ser que o assunto tenha sido devidamente administrado e a pessoa envolvida se sinta constrangida pela exposição em si. Geralmente, a pessoa é muito apegada à sua imagem diante dos outros e, por isso, às vezes é impedida de ver claramente todo o quadro. Então, que a pessoa seja ajudada a entender o caráter restaurador, disciplinador, da disciplina. O pastor deve tratar toda ovelha ferida com todo cuidado e amor característicos das atitudes do supremo Pastor.

Ministério: *Às vezes, mesmo numa situação de luto, alguns conselheiros bem intencionados parecem dar a impressão de que o cristão não deve*

ficar triste nem chorar. Não lhe parece algo psicologicamente contraditório?

Noel: Precisamos ter equilíbrio para perceber a situação. As pessoas precisam ser encorajadas a expressar suas emoções, mesmo as negativas. Isso não é antibíblico, pois muitos personagens da Bíblia choraram, inclusive de tristeza. Sendo reprimidas, as emoções podem gerar problemas de saúde, dificuldades de ajustamento. O prejuízo pode ser muito grande; o luto não vivenciado pode causar problemas à vida como um todo. A pessoa pode se demorar muito sofrendo, com baixa produtividade, isolamento, perda de apetite, justamente porque não houve o devido cuidado no trato do problema, na ocasião e no ambiente da perda. Mas, é claro que devemos realçar a bendita esperança da volta de Cristo e a certeza que ela produz no coração quanto a rever os queridos. Isso produz enorme conforto. Por isso, Paulo aconselhou: “consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (1Ts 4:18).

Ministério: *Que orientação o senhor daria quanto ao ministério e aconselhamento a solteiros, jovens e casais?*

Noel: Há um grupo de solteiros amadurecidos, chamados *singles*, especialmente no segmento feminino, que, primeiramente, se preocupam em consolidar a carreira profissional e, somente depois, se voltam para a formação de uma família. Então, enfrentam certa dificuldade em se casar. Esse é um fenômeno mundial. Não muito raro, surgem cobranças, veladas ou não, da comunidade, da família e até deles mesmos. Como pastores, precisamos olhar com carinho esse grupo e criar situações de encontro, através da realização de congressos, excursões, confraternização social. Cobrança sutil ou aberta não resolve. É preciso agir. São ovelhas que têm uma necessidade a ser atendida. Com respeito aos jovens, o pastor, sendo jovem ou não, precisa

ser empático em relação a eles, envolver-se com eles, estar presente em suas programações sociais, sábado à tarde, ou no clube de desbravadores, demonstrar sincero interesse por eles. Em relação aos casais, o pastor deve direcionar redobrados esforços à preservação da família. Nunca tivemos tantos divórcios, famílias em conflito como agora. Temos literatura farta e orientação especializada que podem ser utilizadas no trabalho de fortalecimento da família.

“Os princípios da Psicologia podem ajudar os crentes a crescer no corpo de Cristo e no envolvimento missionário”

Ministério: *E quando é o pastor quem necessita de aconselhamento?*

Noel: O pastor é um ser humano, tem sentimentos e é afetado quando lhe faltam compreensão, justiça e respeito. Primeiramente, ele deve se lembrar de que é representante de Deus na comunidade. Mas, em sua humanidade, ele precisa de apoio. Geralmente, no início do ministério, o pastor é acompanhado por outro mais experiente. Com o passar dos anos, começa a se sentir mais isolado e, por haver adquirido experiência, nem sempre se sente no direito de ter dificuldades. Mesmo assim, ele deve buscar um colega com quem possa dialogar, trocar ideias. Pode ser um colega distrital, amigo e que lhe seja empático, mas o secretário ministerial tem essa função precípua. Sendo líder, o pastor não deve esperar isenção de críticas, devendo lembrar que elas nem sempre são direcionadas à sua pessoa, mas à função que ele exerce. A serenidade e a dignidade resultantes de sua comunhão com Deus e da conscientização vocacional ajudarão a enfrentar a tempestade.

Ministério: *Quais são os princípios gerais que o senhor estabeleceria para tornar mais eficaz o aconselhamento pastoral?*

Noel: Há quatro aspectos fundamentais. O primeiro deles é a espiritualidade do pastor, decorrente de sua vida em comunhão com Deus. Aqui, ele adquire o equilíbrio necessário para a correta compreensão dos princípios bíblicos e a aplicação deles nas várias áreas do aconselhamento. Em segundo lugar, está a empatia exemplificada por Jesus. Ao se aproximar das pessoas, Ele procurava conhecer os desejos e necessidades delas, colocando-os no rumo certo das prioridades de vida. O terceiro princípio é ouvir, e ouvir muito. Somente depois de termos ampla compreensão de qualquer problema é que podemos pensar numa solução viável. Finalmente, o pastor deve compreender os múltiplos aspectos da situação vivida pelo consulente. Ou seja, aspectos situacionais, históricos, circunstanciais, se o caso for recorrente ou persistente. Caso o pastor perceba que há grande persistência, resultando em graves dificuldades comportamentais, ele pode sugerir tratamento especializado ou pode animar a pessoa a buscar soluções, sugerindo alternativas, estimulando o uso da criatividade para sair do problema. Há algo de que não devemos esquecer: O pastor está presente na vida de famílias, crianças, jovens, adultos e idosos, em todos os momentos. Como líder da igreja, ele treina e capacita pessoas para crescer no corpo de Cristo, à semelhança de Ele e para o envolvimento em Sua missão. Apesar de todo o progresso científico e tecnológico de nossos dias, o coração do ser humano é o mesmo: carente, pecador, culpado, vazio e desesperado, necessitando da esperança, liberdade e transformação que nenhuma ciência pode dar. O pastor é o portador divino dessas bênçãos. ▀



Implicações de uma vocação

“Não fostes vós que Me escolhestes a Mim; pelo contrário, Eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto” (Jo 15:16)

Sempre ouvi pessoas dizerem que, quando Deus chama alguém, Ele o capacita. E, ao pensar na história dos israelitas e os homens escolhidos para liderá-los nas variadas e difíceis situações vividas por eles, percebo quão verdadeira é tal afirmação. Ao escolher Seus discípulos, aparentemente, Jesus não escolheu os indivíduos mais talentosos segundo a avaliação humana. Porém, Ele viu o interior daqueles homens iletrados, rudes e pobres. Ele precisava de pessoas dispostas a trabalhar e que também se permitissem ser trabalhadas, a fim de que fossem moldadas e capacitadas segundo a vontade e o plano de Deus.

Hoje, não é diferente. Em geral, temos a tendência de criticar pessoas escolhidas para exercer alguma fun-

ção. Sempre achamos não ter sido a melhor escolha, esquecidos de que o que realmente conta é o que está na mente de Deus. Muitos dissabores no trabalho pastoral poderiam ser evitados, se não tentássemos impor nosso querer e opiniões em situações que devem ser deixadas à mercê de Deus.

Aceitando mudanças

Por exemplo, é comum a liderança dos Campos se reunir para planejar ou fazer ajustes na execução de seu planejamento de trabalho. Muitas vezes, nesses ajustes, são necessárias algumas mudanças, ou muitas mudanças, envolvendo pessoas. Algumas mudanças são realmente necessárias, e outras acabam tendo que ser feitas em consequência das

que foram necessárias. Nem sempre tais mudanças são bem recebidas por todas as pessoas envolvidas. Deixando de visualizar o aspecto global do projeto e esquecidos de que são colaboradores na missão de Cristo, esses descontentes pensam apenas no lado pessoal da questão.

Porém, ao confiarmos inteiramente na direção divina em toda e qualquer situação, será muito mais fácil absorver o desenrolar dos acontecimentos, embora nossa tendência natural seja reclamar e nos achar “injustiçados”, enumerando para isso uma série de motivos, como se fôssemos infalíveis na prática da justiça. Quando confiamos absolutamente na direção de Deus, todas as experiências, mesmo aquelas que não compreendemos, indubitavelmente serão transformadas em grandes vitórias.

Nas mãos de Deus

Uma atitude que nos ajudará a evitar ressentimentos e amargura, ao sermos protagonistas de tais situações, é nos habituarmos a procurar ver o lado positivo da questão, mesmo que inicialmente não possamos enxergá-lo. Por exemplo, podemos ter em mente que, se os homens tomarem decisões autoritárias e, portanto, contrárias à vontade de Deus a nosso respeito, o Senhor mesmo cuidará da situação e de nós. Não precisamos nos desesperar. Por que deveríamos nos preocupar ou temer, se temos um Deus que trabalha incansável e ininterruptamente na promoção do nosso bem-estar?

Se, em algum momento, você não consegue entender o motivo de uma transferência ou remoção de uma função para outra, lembre-se de que Deus tem um plano para sua vida. Pode ser que, segundo a infalível visão d'Ele, você precise aprender alguma coisa mais, ou necessite de algum ingrediente especial à construção do caráter que você deve levar para a eternidade, e que somente a experiência vivida naquele momento lhe possibilitará adquirir. Deus sabe todas as coisas e a tudo vê.

Aprendizado pessoal

Sou esposa de pastor. Meu esposo e eu completaremos 24 anos de ministério. Já vivenciamos diversas situações e aprendemos a deixar tudo nas mãos de Deus. Sempre que nos deparamos com uma nova situação, mesmo que seja incompreensível a princípio, acabamos ficando admirados com as boas surpresas que o Senhor nos tem proporcionado.

Já residimos em lugares muito bons, casas boas em cidades grandes e bonitas; pastoreamos igrejas animadas com forte liderança. Mas, também já moramos em casas muito singelas em lugares pequenos, cidades sem estrutura, pastoreando distritos pequenos com liderança não tão forte. Em contrapartida, também fomos ricamente

abençoados. Vivemos períodos que deixaram preciosas marcas em nosso ministério, construímos amizades fantásticas, vivemos situações que ainda enriquecem nossa vida pastoral.

Desde cedo, aprendemos que o lugar em que moramos e trabalhamos deve ser o melhor lugar do mundo. A função que ocupamos é a melhor; a atividade que desempenhamos é a mais necessária, a nós e à igreja. Não ficaremos ali para sempre e, de cada experiência, devemos extrair o melhor que pudermos. Um dia, daquele lugar ou situação nos restarão apenas lembranças. Nós decidimos de que tipo serão elas.

Ao chegar a um lugar ou assumir uma nova função, e ver neles uma montanha aparentemente intransponível de problemas, não fique murmurando nem se queixando. Nem tente transpor a montanha com seus próprios recursos. Entregue-se a Deus e deixe que Ele dirija a situação. Ele pode nos ajudar a escalar em plena segurança qualquer montanha. Dará sabedoria e coragem para que possamos contorná-la e prosseguir em nosso caminho. Ele nos dará força e disposição para cavarmos um túnel e sair, em segurança, do outro lado da montanha. Ou, simplesmente, a removerá. Ele fará o que for necessário para nos proteger e nos dar a vitória.

“Por que não você?”

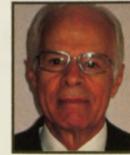
Se algum dia você achar ou sentir que é injustiçado, está sendo perseguido, ignorado e ferido, não permita que sentimentos de mágoa e amargura atrapalhem sua vida pastoral nem, especialmente, seu crescimento espiritual. Lembre-se: Você trabalha para o Senhor dos senhores e Ele pode reverter em bênção a maldição.

Você foi chamado por Deus para ser pastor, aceitou o chamado e se preparou para isso. Precisa agir como pastor. As ovelhas do rebanho que lhe foi confiado esperam ouvir sua voz segura de pastor, orientando-as. Se tiverem um líder amargurado, inseguro, queixoso e infeliz, elas ficarão desorientadas sem saber para onde ir. Meu sogro costuma dizer: “Alguém tem que ir; alguém tem que fazer. Então, por que não pode ser você?”

Finalmente, lembre-se das palavras do Pastor dos pastores: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho dado a conhecer. Não fostes vós que Me escolhestes a Mim; pelo contrário, Eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu nome, Ele vo-lo conceda” (Jo 15:1, 16).

Quando Deus ordena que você vá, Ele vai lado a lado com você. ▀

“O lugar em que moramos deve ser o melhor lugar do mundo. A atividade que desempenhamos é a mais necessária a nós e à igreja”



Pastor jubilado, reside em Joinville, Santa Catarina

Alegria de ser pastor

Independentemente da função exercida na hierarquia da Igreja, nada existe superior à vocação pastoral

Era meu segundo ano como pastor, e eu vivia um momento de grande angústia. Sentia-me pequeno, sem espiritualidade, inseguro. Como líder espiritual, eu sabia que não estava sendo o que devia ser. Decidi abandonar a carreira pastoral. Iria me preparar em outra área de estudos; “quem sabe”, pensei, “futuramente poderei servir no ramo administrativo da Igreja”.

Viajei a São Paulo, em busca de aprovação para meu plano. Na sede da União, fui atendido pelo secretário-ecônomo que, após me ouvir, me aconselhou: “Não desista de ser pastor. A Igreja precisa de pastores; não de frios administradores”. Entendi que a solução para meu problema estava na minha dependência absoluta do Senhor da Igreja. A partir dali, tudo mudou em minha visão pastoral. Compreendi que não existe vocação mais nobre do que a vocação pastoral, mesmo que sejamos chamados a exercer qualquer outra função indicada pela Igreja.

Trabalhei durante quarenta anos e, atualmente, estou jubilado. Sou feliz, sinto-me realizado e sem frustrações. Continuo sendo pastor, pre-

gando, visitando e ministrando estudos bíblicos. Em 2009, dois dos meus estudantes foram batizados. Outros continuam estudando e logo seguirão o mesmo caminho para o batismo.

Recentemente, tive o privilégio de dirigir uma semana de reavivamento e colheita na igreja de Rolante, Rio Grande do Sul. Preparei-me com muita oração, por mim, pelas mensagens e pelos ouvintes. Na execução do programa, utilizei recursos audiovisuais muito bem selecionados. Além disso, preparei um *kit* missionário contendo os livros *Esperança Para Viver*, *Os Dez Mandamentos*, *Sinais dos Tempos* e as revistas *Viva com Esperança* e *Esperança Para um Mundo em Crise*. Foram entregues quarenta *kits* para pessoas interessadas e membros da igreja.

Uma parte importantíssima da programação foi a visitação nos lares, oficinas, escritórios e até na zona rural. Foi muito gratificante encontrar irmãos e amigos da igreja, ouvi-los enquanto falavam sobre suas lutas, tristezas e decepções, confortar enfermos, aconselhá-los, orar com eles e deixá-los reanimados, agradecidos e confiantes no amanhã sob a direção de Deus. Em cada visita, pude sentir a

presença do Espírito Santo, o que me fazia sair cheio de gratidão, alegria e com o sentimento do dever cumprido.

A propósito, é bom lembrar que a visitação pastoral é indispensável. Nela, muitas vezes encontramos tema para nossas mensagens e temos oportunidade para confortar, consolar, fortalecer, animar, valorizar as pessoas e esclarecer pontos doutrinários. De fato, essa prática necessita ser urgentemente resgatada como prioridade na agenda de muitos pastores.

Um lembrete: Você se preparou e foi chamado para ser pastor; não diretor de departamentos, tesoureiro, secretário ou presidente. Se seu primeiro objetivo é ocupar uma dessas funções, deve repensá-lo. O chamado é para ser pastor. Apesar disso, esteja sempre bem preparado, para a eventualidade de a Igreja necessitar de sua colaboração nessas e em outras funções. É imprescindível que o pastor se prepare, sobretudo mantendo íntima comunhão com Deus.

A igreja necessita de pastores que sirvam de modelo, que sejam amigos, pais, cônjuges e líderes espirituais exemplares. Esse perfil é fruto de comunhão e companheirismo com o Senhor. ▀



ADMINISTRAÇÃO

Liderança espiritual

O êxito de uma pessoa chamada para liderar resulta, em proporção direta, da sua boa vontade em ser cheia do Espírito Santo

No atual contexto de mudanças e desafios, tensões e lutas, crescimento e capacitação, uma qualidade que toda instituição procura entre os membros de sua equipe é liderança dinâmica, motivada, orientada para objetivos. Livros e artigos de revistas são abundantes em promover o significado e estilo de liderança necessária ao sucesso no mundo de hoje, e capaz de contribuir para o crescimento da organização ou instituição na qual esteja engajada.

O tema da liderança não é limitado ao mundo dos políticos, empresários, industriais e economistas. A igreja cristã, com sua missão mundial e a responsabilidade de desenvolver homens e mulheres de caráter e resistência, também busca liderança dotada de visão e comprometimento. Como são formados esses líderes? Quais são as características desses líderes missionários? O que é que define uma liderança dirigida pelo Espírito?

A literatura cristã oferece várias respostas valiosas. Entretanto, neste artigo, pretendo partilhar um amplo modelo de liderança cristã que emerge dos escritos de Ellen G. White. Acredito que os conceitos apresentados significarão grande ajuda aos pastores.

Princípios fundamentais

Para começar, devemos notar dois princípios básicos, essenciais,

de liderança encontrados nos escritos de Ellen G. White. No próprio fundamento da liderança dirigida pelo Espírito, tão essencial à missão de qualquer pessoa que esteja ligada à igreja, está o próprio Espírito. De acordo com White, verdadeiros líderes devem ser recipientes do Espírito Santo, e continuamente responder à graça de Deus em sua vida. O coração humano jamais conhecerá a felicidade ou real significado para a vida até que “seja submisso para ser modelado pelo Espírito de Deus”.¹

Ellen White não vê a liderança como um manto místico estendido sobre uma pessoa, unindo-a com superioridade, autoridade ou infalibilidade. Em contraste, ela apresenta Jesus como Modelo: “O caminho para se tornar grande e nobre é ser como Jesus, puro, santo e imaculado”.² O que todo grande líder necessita é de conhecimento pessoal de Deus, e boa vontade para ser guiado por Seu Espírito.

Em segundo lugar, os conceitos de liderança de Ellen White não são limitados nem estreitos. Sua perspectiva era tão ampla que incluía abundância de tópicos relacionados ao gerenciamento e à própria liderança, bem como conhecimento de Deus, modelos bíblicos de liderança exemplar e de liderança questionável, capacitação para serviço e evangelismo inclusivos de gênero, idade, raça e cultura na igreja, qualificações para liderança, como responder ao errante, e planejamento visionário e proativo.

O que é liderança

Embora Ellen White não tenha definido especificamente liderança, ela assinalou alguns pontos primordiais sobre esse assunto em seus escritos. Seu conselho de liderança sempre permanece no contexto de sua estrutura teológica única do grande conflito entre Cristo e Satanás. Assim, ela percebe a liderança como uma oportunidade estendida por Deus a todas as pessoas no sentido de usar sua influência para promover Cristo e o reino celestial.

Portanto, um líder cristão é alguém que, pela vida e pelo exemplo, expande a missão de Cristo na Terra, através da proclamação de Sua graça salvadora para os pecadores e anunciando a vinda do Seu reino.

Desse modo, aceitar uma função de liderança dentro do contexto cristão se torna algo de enorme responsabilidade, ou seja, a de se colocar ao lado de Cristo continuamente e permanecer em oposição às insinuações de Satanás, que trama para os líderes muitas tentações ou armadilhas convencionais como apego ao poder, autoridade, força e posição.

Embora muitas pessoas normalmente relacionem liderança com administração, o conceito de liderança mantido por Ellen White vai além disso. De acordo com ela, todo cristão é chamado para representar Cristo e ser um embaixador de Deus e Seu reino. Portanto, líderes são subpastores que se unem a Cristo em Sua missão redentora.³ Seguramente, isso inclui todos nós, independentemente de nossos dons espirituais.

Exemplos de liderança

Tendo examinado vários personagens da Bíblia, deles Ellen White extrai poderosas lições de liderança. Por exemplo, em Êxodo 18, encontramos a história de Moisés e seu sogro, Jetro. Moisés tentava administrar sozinho todos os problemas confrontados pelos israelitas. Jetro observou no estilo de liderança exercida por seu genro um caminho seguro para o esgotamento, de modo que o aconselhou a partilhar algumas de suas responsabilidades com outros indivíduos confiáveis. Porém, Moisés devia continuar exercendo papel definido: “representa o povo perante Deus, ... ensina-lhes os estatutos e as leis” (Êx 18:19, 20).

Comentando esse fato, Ellen White afirma um importante princípio de liderança: “O tempo e a força dos que, na providência de Deus, foram colocados em posições de comando e responsabilidade na igreja, devem ser gastos no trato com assuntos de

maior importância, que demandem capacidade especial e largueza de coração. Não é o plano de Deus que tais homens sejam solicitados na solução de assuntos de pequena consideração, que outros são bem qualificados para manejar.”⁴

Para Ellen White, um verdadeiro líder é alguém que representa Deus, Seu caráter e Seu propósito para aqueles que foram colocados como liderados. Esse compreende o principal trabalho do líder cristão. Outras questões rotineiras menores não precisam ser colocadas sobre ele, mas podem ser conduzidas por outros, sob cuidadosa supervisão e orientação do líder. Ela afirma o mesmo princípio, ao comentar o encargo passado por Davi a Salomão, quando esse recebeu a tocha da liderança sobre Israel.⁵

Representar a vontade e o propósito de Deus perante Seu povo não significa que o líder deva “brincar de Deus”. Longe disso. Nos conselhos de Ellen White, não existe lugar para o líder ditador. Suas instruções a respeito da liderança efetiva são relacionais em sua natureza. Líderes cheios do Espírito cultivarão com seus seguidores um relacionamento com base no ato de partilhar visão, valores e propósito, bem como caracterizado por conflitos positivos, transições dirigidas e mudança sustentável.⁶

Os princípios de liderança apresentados por Ellen White focalizam o objetivo da própria liderança, ou seja, refletir Cristo e, assim, tornar-se mais efetiva na salvação de pessoas. O êxito de uma pessoa chamada para liderar resulta, em proporção direta, da sua boa vontade em ser cheia do Espírito Santo. Nessa vida renovada, toda pessoa, independentemente de sua ocupação, deve usar sua influência para atrair outros a Cristo para que aceitem Sua oferta de redenção.⁷

Através da lente de Ellen White, um líder atua apenas como instrumento para conquistar o alvo de mobilizar o corpo de Cristo, devidamente equipado, para trabalhar. Assim, o líder não é mais nem menos importante que o liderado. Ela não via condição

hierárquica privilegiada na função de liderança, mas foi grande incentivadora da educação e do desenvolvimento dos talentos de cada pessoa. Apesar disso, em sua ampla definição de liderança, é Cristo, não instituições formais de aprendizado, que qualifica o líder para o propósito de Deus. “Ao escolher homens e mulheres para Seu serviço, Deus não indaga se eles possuem riquezas mundanas, saber ou eloquência. Pergunta: ‘Andam eles em tanta humildade que Eu lhes possa ensinar o Meu caminho? Posso pôr em seus lábios as Minhas palavras? Eles Me representarão?’”⁸

Como percebemos, Ellen White enraíza seus conceitos de liderança na fidelidade a Deus e, como tal, os princípios de liderança por ela delineados jamais serão desatualizados. Seu apelo para fundamentar o estilo e o desempenho da liderança de alguém nos critérios de Deus e na fidelidade às Escrituras dá-nos um modelo universal de liderança. Consequentemente, um estudo cuidadoso dos seus escritos nos levará a compreender a liderança em termos inclusivos de gênero, idade e raça. Esse tipo de liderança produzirá uma igreja plenamente equipada para proclamar o evangelho eterno em todos os rincões da Terra, conforme representado pelas três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

O apelo de Ellen White por um modelo inclusivo e universal de liderança orientará homens, mulheres, jovens e grupos minoritários numa única direção, algo que não pode ser facilmente visto na literatura moderna sobre o tema.

Qualificações

Das muitas qualidades enfatizadas por Ellen White como sendo essenciais ao exercício da liderança cristã, devemos prestar séria e cuidadosa atenção nas seguintes:

Vida cheia do Espírito. Na sua perspectiva, a mais importante qualificação para um líder compreende o chamado e capacitação pelo Espírito. Essa unção ocorre em resposta

à disposição do líder em buscar, em humildade, a renovação e direção do Espírito Santo, bem como para responder às Suas indicações com abnegados serviço e obediência. O líder cheio do Espírito formará então uma equipe inclusiva e não se mostrará ansioso por se apegar ao poder, *status*, nem preocupado em receber reconhecimento.⁹

“O caminho para se tornar grande e nobre é ser como Jesus, puro, santo e imaculado”

Ellen White encoraja os líderes cheios do Espírito no sentido de construir relacionamento com seus liderados, partilhando com eles visão, valores e propósitos. Incentiva o diálogo e a diferença de opiniões como autênticos caminhos para mudança sustentável. Ela apresenta Jesus como o grande Modelo de liderança cheia do Espírito.¹⁰

Estudo da Escritura. Segundo a visão de Ellen White, os líderes devem priorizar tempo para cuidado, contínuo e profundo estudo da Bíblia, tanto para buscar desenvolver relacionamento e solidificar o compromisso com Deus como para encontrar sabedoria e verdade. Ampla compreensão das Escrituras acompanhada com discussão dinâmica sobre novas verdades capacitarão a liderança para os desafios e lhe possibilitarão crescimento na verdade.¹¹ Quando a vida espiritual declina, o líder se acomoda e deixa de progredir no conhecimento da verdade.¹²

Vida de oração. Líderes de integridade devem estabelecer tempo diário para comunhão com Deus. Para Ellen White, o propósito da redenção inclui a restauração da imagem de Deus na humanidade. Esse milagre divino de infiltração do Céu somente pode ocorrer no líder cuja dependência de Deus seja total. Quanto mais elevada for a função administrativa, maior a necessidade dessa dependência.¹³ Ela

escreveu que muita ocupação torna árido o caráter e deixa o coração sem Cristo. Uma ligação viva com Deus, não à posição, é essencial à tomada de decisões sadias e ao desenvolvimento do caráter.¹⁴

Líderes que não oram continuamente por sabedoria divina desenvolverão visão distorcida e serão privados das bênçãos de Deus, resultando assim em fracasso pessoal. O poder e capacitação para o serviço virão somente através da oração, conforme foi demonstrado pelo exemplo de Cristo. Os líderes devem orar em favor daqueles que estão sob sua influência. Em ocasiões de crises ou emergência, Deus espera que os líderes orem a fim de que Ele intervenha. Os líderes também devem orar por discernimento entre o bem e o mal, fazendo mais que orações superficiais ao dirigir comissões, concílios e reuniões de obreiros e liderados. Eles devem orar por unidade, liderança divina e sabedoria do Espírito.¹⁵ Diante de questões complexas, Ellen White recomenda jejum e oração.¹⁶

Liderança servidora. Embora Ellen White não utilize a expressão “líder-servo”, ela escreve extensivamente sobre esse conceito. Apresenta Jesus Cristo como principal Modelo de líder-servo. Esse modelo de liderança combina a força e sabedoria de Deus com humilde diligência. Embora ela encoraje os líderes a ser produtivos, aproveitando todas as oportunidades presentes, condena a luta por *status* ou posições consideradas mais elevadas.¹⁷

De acordo com Ellen White, o líder-servo ama o povo e trabalha compassiva e abnegadamente a fim de salvá-lo para o reino de Deus. Para ela, o caráter espiritual do líder se desenvolve e fortalece enquanto ele trabalha ativamente para ajudar o pobre e marginalizado.¹⁸

Liderança participativa. Ellen White transmite importantes conselhos aos líderes que abusam da autoridade. Segundo seu ponto de vista, ninguém deve se considerar infalível, investido com autoridade suprema,

nem se valer de qualquer método autoritário de comando. Veementemente, ela se opõe à centralização do poder e controle, enquanto, ao mesmo tempo, adverte contra o congregacionalismo. Ela foi particularmente incisiva em sua reprovação à qualquer prática desonesta, exploração ou injustiça. Os membros de uma comissão podem até demonstrar diversidade de pensamentos, mas não porque tenham que necessariamente concorrer com a visão do líder. Todo líder que não trata cada pessoa com respeito e dignidade está abusando de sua autoridade.²⁰

Comparando os estilos de liderança de Moisés e Arão, Ellen White ilustra o uso positivo e benéfico da autoridade contra um tipo de autoridade fraca, vacilante e populista. Embora rejeite completamente o estilo autocrático e dominador de liderança, ela afirma que, em tempos de crise, o líder deve demonstrar firmeza, decisão e coragem inflexível. A diferença pode ser encontrada na motivação do líder. O líder dominador pode estar ansioso pelo exercício do poder e controle, ao passo que o líder decisivo pode estar mais empenhado em promover honra e glória a Deus.²¹

Liderança inclusiva e capacitadora. Ellen White é forte defensora da capacitação inclusiva de pessoas para evangelismo e serviço. Para ela, o povo de Deus representa uma humanidade misturada, entre a qual não pode haver preconceito. O Espírito Santo tem permissão para ungir a quem Lhe aprouver, e ninguém a quem Ele escolher engajar no ministério deve ser impedido.²²

Habilidade para relacionamento. Um dos atributos mais essenciais da liderança forte e piedosa consiste da cultivada habilidade para se relacionar com outros. Frequentemente, Ellen White fala sobre a necessidade de mentores pacientes que tomem sob seus cuidados jovens e outras pessoas com menos experiência e cuidadosamente os motivem e encorajem, provendo-lhes oportunidades para crescer através de êxitos e fracassos.

Ela enfatiza que os líderes têm o dever de reconhecer e desenvolver o potencial de outras pessoas.²³

Liderança empática. No trato com os errantes, os líderes devem revelar simpatia cristã, oferecer esperança e redenção das falhas. Embora Ellen White reconheça que, algumas vezes, são necessários protesto e reprovação, a prática da disciplina e correção nunca deve ser feita de maneira rude, mas sempre no espírito do compassivo amor de Cristo. Ela defende o uso de persistente, paciente e terna interação com aqueles que cometem erros, fazem mal julgamento ou experimentam outras falhas pessoais. Os líderes dotados de amor cristão promovem justiça, corrigem o pecado e combatem o erro, ao mesmo tempo em que demonstram cuidado e compaixão.

Liderança visionária. No ponto de vista de White, visão e planejamento proativos devem ser guiados pelo Espírito. Nenhuma decisão deve ser tomada antes que a equipe do líder se dedique à oração e, em alguns casos, ao jejum, a fim de assegurar-se de que agirão de acordo com a vontade de Deus. Ellen White defende a visão ampla, o pensamento de longo alcance, com todos os riscos bem considerados.

Nesse contexto de visão, ela insta novamente os líderes a delegar, algumas vezes, a tarefa de planejar àqueles que têm pouca experiência, para lhes oferecer uma oportunidade importante para ampliar o potencial de liderança. Ela também reconhece que cada lugar tem seus próprios desafios, que não podem ser desconsiderados.

Liderança cuidadosa. Nenhuma outra área atrai tanto a preocupação de Ellen White com liderança como o cuidado com o pobre, necessitado e marginalizado. Em meio à prosperidade das nações, negligenciar o necessitado corresponde a pobreza espiritual. A perpétua busca por significado no mundo pode ter sua solução na mente daqueles que aplicam os conselhos de Ellen White a respeito de servir ao pobre.²⁵

Todos os líderes, mesmo grandes líderes, se encontram sob circunstâncias complexas em que sua liderança é desafiada ou suas opções parecem perigosamente limitadas. Numa era sem precedentes no que tange à disseminação de informação, velocidade na comunicação, terrorismo, Aids, globalização, fusão econômica e desintegração familiar, nosso mundo parece muito diferente do mundo de Ellen White. Talvez seja por causa das aceleradas mudanças em nosso mundo que seu conselho para cultivo da calma confiança em Deus diante das tensões da vida²⁶ pareça tão relevante e oportuno.

Porém, o cultivo dessa calma confiança em Deus deve ser acompanhado pela transferência de Suas bênçãos àqueles que nos cercam. Essa é a função de todo líder na igreja. ■

Referências:

- 1 Ellen G. White, *God's Amazing Grace* (Washington DC: Review and Herald, 1973), p. 196.
- 2 _____, Carta 7 a J. H. Kellogg, 26/04/1886.
- 3 _____, *Parábolas de Jesus*, p. 192.
- 4 _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 93.
- 5 _____, *Profetas e Reis*, p. 27.
- 6 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 259.
- 7 *Ibid.*, v. 8, p. 236.
- 8 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 37.
- 9 _____, *Eventos Finais*, p. 190.
- 10 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 238.
- 11 _____, *Parábolas de Jesus*, p. 127.
- 12 _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 297, 298.
- 13 _____, *Profetas e Reis*, p. 30.
- 14 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 138.
- 15 _____, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 279.
- 16 _____, *Testimonies on Sexual Behavior, Adultery and Divorce*, p. 234.
- 17 _____, *Profetas e Reis*, p. 30, 31.
- 18 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 25.
- 19 _____, *Life Sketches of Ellen G. White*, p. 321.
- 20 _____, *Exaltai-O* (MM 1992), p. 225.
- 21 _____, *Patriarcas e Profetas*, p. 323.
- 22 _____, "The duty of the minister and the people", *Advent Review and Sabbath Herald*, (09/07/1895).
- 23 Ellen G. White, *Liderança Cristã*, p. 55, 56.
- 24 _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 30, 31.
- 25 Cindy Tutsch, *Ellen G. White on Leadership: Guidance for Those Who Influence Others* Nampa, ID: Pacific Press, 2008), p. 149.
- 26 Ellen G. White, *Olhando Para o Alto* (MM 1983), p. 55.



Secretário ministerial
associado da Associação
Geral da IASD

“Tenha bom ânimo!”

Somos afortunados por ser portadores e arautos das melhores novas que a humanidade precisa conhecer. Somos promotores de esperança

Ultimamente, tem-se falado e publicado muita coisa sobre os perigos e até sofrimento relacionados com o ministério pastoral. Desânimo, falta de motivação, indiscrições sexuais, abuso de poder e dificuldades no relacionamento têm sido questões associadas com o pastor. Elas merecem atenção. Por isso, Paulo admoestou Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (1Tm 4:16). O potencial de destroçar uma carreira pastoral que tem esses problemas não pode ser minimizado. Entretanto, seria contraproducente, desanimador e até depressivo focalizar perpetuamente sobre eles, em detrimento das alegrias e da satisfação que o pastorado oferece.

O cego Bartimeu

Consideremos o relato sobre Bartimeu, na ocasião em que lhe foi restaurada a visão. Sua experiência ilustra o ponto que desejamos destacar neste artigo.

Relatado pelos três evangelhos sinóticos (Mt 20:29-34; Mc 10:46-52; Lc 18:35-43), a versão de Marcos sobre o evento ocorrido em Jericó contém pelo menos um detalhe muito significativo. Embora os três escritores relatem que Bartimeu importunava as pessoas que estavam perto dele, enquanto gritava suplicando a Jesus misericórdia, apenas o relato de Marcos descreve a resposta da multidão, quando Jesus o chamou: “Chamaram, então, o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, Ele te chama” (Mc 10:49).

“Tem bom ânimo... Ele te chama.” Qual é o significado disso para nós pastores? A palavra grega *tharseó*, traduzida como “ânimo”, pode significar “seja de boa coragem”, “não seja muito impertinente”, “não tema”, “crie coragem”, “tenha confiança”.¹ A tradução pode ser interpretada como incentivo para que alguém seja firme ou resoluta diante do perigo ou adversidades; ter entusiasmo.²

Esses vários significados contêm um maravilhoso conselho para todos aqueles que são chamados por Cristo para o ministério pastoral. Essa palavra aparece apenas oito vezes no Novo Testamento, e cada vez está no imperativo. É-nos ordenado: “Tem bom ânimo!”

Nesse mesmo capítulo (v. 13-16), Marcos descreve Jesus recebendo crianças para abençoá-las, e censurando Seus discípulos que se opuseram a que elas tivessem contato com o Mestre. Então, Ele disse: “Deixai vir a Mim os pequeninos” (v. 14). Da mesma forma, Ele acolheu o marginalizado Bartimeu.

No mesmo capítulo (v. 17-22), um jovem rico se aproximou de Jesus e ajoelhou-se. O Mestre o convidou a segui-Lo, mas ele se afastou abatido, incapaz de renunciar à riqueza como pré-requisito do discipulado. Esse jovem anônimo emerge em contraste com Bartimeu, que respondeu ao chamado de Cristo deixando de lado um de seus poucos bens – uma capa – a fim de seguir a Jesus.

Parece que muito de Marcos 10 gira em torno do chamado de Jesus para indivíduos e, abrigada nesse contexto, também encontramos a maravilhosa história de visão e esperança – a cura e o chamado de Bartimeu. A história desse homem deve nos alegrar e nos levar a considerar o chamado que nos foi feito.

A Bíblia registra detalhes da experiência de outros indivíduos, como Noé, Moisés, Samuel, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Amós e Jonas, chamados por Deus para o ministério.

Houve outros que também foram chamados, e o testemunho positivo de sua vida atesta esse fato, mas, por alguma razão, os detalhes do chamado deles não foram registrados. Entre esses, lembramos de Daniel, Sofonias, Habacuque, Miriam, Débora, Ulda e outros.

Os evangelhos relatam o chamado de muitos apóstolos. O livro de Atos apresenta o chamado feito ao apóstolo Paulo. Implícita em todos os casos há uma mensagem muito especial: Você está sob a visão de Deus, e Ele tem uma visão para você. Tenha bom ânimo!

“Estando dedicada ao ministério, nossa vida não é desperdiçada”

Os desafios

A ênfase apropriada sobre nosso chamado ao ministério pode ajudar a preservá-lo e protegê-lo. Quando somos tentados a agir contrariamente a esse chamado, precisamos lembrar que ele nos veio diretamente de Deus. Tendo-o aceito, precisamos levá-lo a sério.

Ao surgirem dificuldades, necessitamos ter em mente que elas não nos dizem respeito pessoalmente, mas estão relacionadas ao grande conflito entre Deus e Satanás. Na guerra, quando um soldado é ferido, ele não pergunta: “O que fiz ou disse para merecer isto?” Assim é na batalha espiritual. Estamos na linha de fogo sujeitos aos ataques do adversário.

A respeito disso, Douglas Webster comenta: “Nada pode arruinar nossa virtude ou destruir nossa alma que não seja autoinfligido... O demônio roubou tudo de Jó, mas não pôde roubar sua virtude. Caim tirou a vida de Abel, mas não pôde lhe tirar sua maior conquista. Apenas aqueles que se injuriam são injuriados”.³

Às vezes, no ministério, os pastores podem ficar desanimados. No dia da ressurreição de Jesus, os discípulos – mesmo aqueles que já sabiam da ressurreição – ainda estavam abatidos. Em Sua jornada para

Emaús, Jesus os encontrou e, num tempo razoavelmente curto, puderam alegrar-se. Considerando todos os nossos altos e baixos, temos razões de sobra para nos regozijarmos.

Motivos para alegria

Para os iniciantes, esse chamado pode ser a experiência mais feliz, jamais conhecida por outras pessoas. Não raro, ao chegar à jubilação, muitos pastores sentem que perderam algo do ministério, mas não deixam de se alegrar na certeza do dever cumprido. Aqueles que são transferidos para a administração, liderança de departamentos ou qualquer outra atividade burocrática perdem o benfazejo contato com o rebanho que pastorearam, mas se alegram no serviço prestado a Deus no lugar em que foram postos. Isso nos diz um pouco sobre a alegria e satisfação produzidas no pastorado.

Acaso, poderia você encontrar no mundo melhor modelo a ser imitado que Jesus? Nosso mundo tem testemunhado a existência de muitos líderes; mas, como pregadores do evangelho, fomos chamados pelo melhor e maior de todos eles. Podemos nos regozijar no fato de que não somos chamados a resolver todos os problemas do mundo. Não somos capacitados para isso, nem de nós é esperado que o façamos. Não temos que resolver todos os problemas que encontramos. Podemos e devemos fazer apenas nosso melhor, segundo a orientação e a vontade de Deus.

Como ministros do evangelho, podemos nos alegrar pelo fato de ser promotores de esperança. Somos afortunados por ser portadores e arautos das melhores novas que a humanidade precisa conhecer. Em certo sentido, somos os provedores da água da vida para o sedento em um mundo que tem sido enganado por muitas miragens. Promovemos os negócios da eternidade.

Fomos chamados a refletir Jesus. Suas palavras, Seus motivos e Suas atitudes são o fundamento de nossa vida. Tudo o que é bom, elevado, proveitoso, positivo e nobre deve se

tornar o verdadeiro ambiente em que devemos habitar.

Podemos nos regozijar porque, estando dedicada ao ministério, nossa vida não é desperdiçada. Sejam nossos dias muitos ou poucos, quando atendemos ao chamado de Jesus, nossa vida servirá a um significativo propósito, por mais simples que pareça ser a tarefa desempenhada. Jesus pediu que alguns entre Seus seguidores Lhe trouxessem um jumento; a outros pediu que preparassem a ceia; e ainda a outros que removessem a pedra do sepulcro de Lázaro. Muito provavelmente, todas essas tarefas poderiam ser consideradas demasiadamente simplórias ou até inúteis. Porém, todas elas resultaram em eventos majestosos: A ressurreição de Lázaro, a entrada triunfal do Mestre em Jerusalém, a Ceia com o partir do pão junto aos discípulos. Podemos ter bom ânimo! Nossa vida tem significado e propósito.

Seria possível descrever a rotina diária do pastor? Parece que cada dia é abençoado com imprevistos e surpresas que oferecem oportunidades para crescimento e desenvolvimento. E, embora esse crescimento possa incluir acumulação de graus acadêmicos e profissionais, o aspecto mais importante é que deve envolver nossa maturidade no ministério, de modo que possamos servir mais efetivamente.

Podemos nos alegrar porque, quando Deus nos chama, há oportunidades para sermos uma bênção a outros. Esse é o resultado natural de servir. Que maior alegria pode alguém experimentar do que viver para servir e abençoar outras pessoas?

Quaisquer que sejam nossos desafios, cada um de nós deve ter bem gravadas na memória as palavras dirigidas a Bartimeu: “Tem bom ânimo... Ele te chama!”

Referências:

¹ *A Greek-English Lexicon* (Oxford: Clarendon Press, 1996).

² Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 2000).

³ Douglas Webster, *Preaching 24*, (maio/junho, 2009), p. 62.



Professor de Teologia do Unasp, atualmente faz pós-doutorado na Alemanha

A visão do crucificado

Resumo do sermão pregado na formatura dos teologandos do Unasp em 19/12/2009



Obra de Caravaggio - Fonte: Wikipédia

Segundo especialistas em arte renascentista, a tela a óleo de Caravaggio, pintada em 1601 é uma das mais impressionantes entre todas as que procuram retratar o momento da conversão de Paulo na estrada de Damasco. Ela está exposta na igreja de Santa Maria del Popolo, em Roma. Na tela, que mede 2,30 m x 1,75 m, Paulo, ou Saulo, que era seu nome de nascimento, é uma figura alquebrada, enfraquecida pelo brilho divino, erguendo os braços para cima, enquanto seus olhos, cegados pela intensa luz, são incapazes de apreender toda a dramaticidade do momento.

O imponente cavalo domina a cena, mas ele é indiferente à luz que derrubou aquele que nele montava. O idoso cavaleiro permanece fiel ao seu dever, segurando o animal, mas a cabeça inclinada e o cenho franzido sugerem temor e espanto diante de algo aparentemente milagroso, mas incompreensível. Ele pode ver Saulo estendido no chão e o animal movendo as patas, nada mais. Cavalo e cavaleiro são apenas coadjuvantes no episódio do milagre.

Momento dramático

Saulo, cuja gravidade e mundo foram virados de cabeça para baixo, jaz inerte no chão, fisicamente cego pela luz, porém voltado para o céu; braços levantados, mãos espalmadas esperando ajuda, suplicando por respostas. Era a imagem da derrota e da incapacidade. Era um homem em crise enfrentando aquele que foi o momento mais crítico de toda a sua vida.

Saulo era o que havia de melhor no judaísmo daquela época. Aluno de destaque na escola rabínica de Tarso, onde nascera, foi conduzido a Jerusalém, com cerca de quinze anos, para estudar com o maior mestre fariseu de seus dias, o rabino Gamaliel (At 22:3). Ali, ele foi instruído em todos os conhecimentos e deveres da lei judaica, tornando-se zeloso na prática de sua religião. Como ele mesmo disse em sua carta aos gálatas, “sendo extremamente zeloso das tradições” (Gl 1:14).

Segundo Ellen G. White, os rabinos o consideravam “jovem altamente promissor, e grandes esperanças eram acariciadas com respeito a ele como capaz e zeloso defensor da antiga fé” (*Atos dos Apóstolos*, p. 112). E, por causa do papel desempenhado no apedrejamento de Estevão, acabou sendo eleito membro do Sinédrio, a suprema corte religiosa em Israel (*Ibid.*). Ela também o descreve como sendo corajoso, independente e perseverante. De mente lógica, era capaz de arrazoar com clareza extraordinária. Seus talentos e preparo eram tais que ele podia servir quase que em qualquer atividade humana (*Ibid.*, p. 124).

Foi assim que ele partiu para Damasco, a fim de capturar aqueles a quem considerava hereges: os seguidores de um tal Jesus de Nazaré. Tinha aproximadamente 24 anos; tão novo, mas já investido de poder para cumprir uma missão de grande responsabilidade.

Mas, agora, ali está ele: alquebrado e impotente, sendo golpeado outra vez, quando uma estranha voz lhe fala em língua hebraica: “Saulo, Saulo, por que Me persegues?” Em desespero de alma, Saulo lança ao ar uma pergunta, desejando que sua suspeita não fosse verdade: “Quem és Tu, Senhor?” Com horror e indizível angústia, ele ouve a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9:4, 5).

Ninguém ao redor podia imaginar que naquele momento Deus estava mais uma vez intervindo na história humana. Saulo, porém, não apenas o sabia, como também não tinha nenhuma dúvida sobre a identidade

daquele que lhe respondera: era o mesmo Jesus cuja causa uma vez ele tinha rejeitado e, agora, perseguia com ódio fanático e impiedoso.

A voz ainda acrescenta: “Dura coisa é recalitrare contra os agulhões” (At 26:14). Agulhão é uma ponta de ferro afiada na extremidade de uma vara usada para cutucar bois, guiando-os ou estimulando-os ao trabalho. A frase era, na verdade, um provérbio usado entre os gregos para indicar resistência inútil como a do boi que, lutando contra o agulhão, somente consegue se ferir ainda mais. A forma pela qual Jesus lhe dirigiu essas palavras não deixa dúvida de que Saulo já havia sido exposto à mensagem do evangelho, tendo-a rechaçado. Isso deve ter acontecido no episódio de Estevão, em cujo julgamento ele aparece pela primeira vez no relato bíblico.

Lembranças decisivas

O livro de Atos indica com relativa clareza que Saulo foi um dos que se opuseram a Estevão e tramaram sua morte. Para ele, o Jesus de Estevão não havia sido senão um farsante e apóstata, alguém cujos ensinamentos contrariavam a própria essência da religião judaica. Seus seguidores precisavam ser destruídos; e Sua memória, totalmente apagada da Terra.

A morte violenta de Estevão foi para Saulo um aparente triunfo, mas, diz Ellen White, ele “não pôde apagar de sua memória a fé e constância do mártir e a glória que lhe resplandeceu no rosto” (*Ibid.*, p. 101). É nesse sentido que ele recalcitava contra os agulhões. Inutilmente, procurava apagar aquelas lembranças, mas isso apenas o incomodava e o feria ainda mais. Agora, porém, não havia mais como resistir. O próprio Jesus em pessoa lhe aparecera e a imagem do rosto do Salvador foi forte demais para ser esquecida. Por isso, ficaria para sempre gravada em sua mente. “No Ser glorioso que estava diante dele, viu o Crucificado” (*Ibid.*, p. 115). Uma inundação de luz invadiu-lhe os mais entenebrecidos recessos do espírito, e

sua vida nunca mais seria a mesma.

Aqueles foram momentos dramáticos. De repente, tudo o que Saulo era ou julgava ser, se desmoronara. Seu orgulho farisaico, suas mais profundas convicções religiosas, seus sonhos e ambições, tudo ruíra. Ele mesmo caiu por terra, indefeso, incapaz, diante dos olhares estarecidos daqueles que o acompanhavam. Mas, ao se levantar, embora ainda cego, fraco e confuso, já não era mais o mesmo. “Naquela hora, de iluminação celeste, o espírito de Saulo agiu com notável rapidez” (*Ibid.*).

Naqueles poucos minutos em que esteve atirado ao solo, as profecias messiânicas, as mesmas que Estevão costumava citar, lhe vieram à mente e ele pôde compreendê-las. Compreendeu que Jesus era o Messias prometido e como Sua rejeição e crucifixão tinham sido claramente preditas pelos profetas. Lembrou-se do sermão de Estevão diante do sinédrio, da visão e das palavras proferidas pelo mártir. Aquilo que os líderes judeus afirmavam não passar de blasfêmia, agora, Saulo sabia ser a mais pura verdade. Ele também se lembrou, com indizível terror, da forma brutal como Estevão perdera a vida, do sofrimento e aflição que ele mesmo havia causado a vários outros fiéis que, por amor a Cristo, depuseram a vida com coragem e dignidade.

Novo rumo

Três dias se passariam até que Saulo recebesse a visita de Ananias, recobrasse a visão e fosse batizado. Dez anos se passariam até sua primeira viagem missionária. Seu ministério se estenderia por mais de trinta anos; mas, naquele momento, ele já não mais era o mesmo. Jamais perderia de vista a experiência e a visão da estrada de Damasco. A visão de Jesus estaria sempre diante de seus olhos e isso lhe seria bem mais que uma simples lembrança do passado: seria um poder que lhe traria renovado sentido à vida, que lhe permitiria reorganizar conceitos e valores pessoais e que o levaria a trabalhar pelo Mestre, até morrer.

O zelo missionário que demonstraria seria bem maior que o de qualquer outro apóstolo: “trabalhei muito mais do que todos eles”, declarou (1Co 15:10). Teria coragem para enfrentar toda e qualquer oposição. Levava o evangelho aos pontos mais longínquos do Império Romano – “de Jerusalém ao Ilírico” (Rm 15:19) – sem jamais vacilar, sem recuar. Deixaria tudo, sofreria praticamente todos os infortúnios e revezes possíveis a um mortal. Dez anos antes de completar seu ministério, Paulo já contabilizava: Cinco quarentenas de açoites, três surras com vara, um apedrejamento, três naufrágios, uma noite e um dia na voragem do mar e incontáveis perigos nos rios, nas cidades e nos desertos; perigos entre judeus, entre gentios e falsos irmãos; perigos em trabalhos e fadiga, em fome e sede, frio e nudez (2Co 11:24-27).

Finalmente, morreria violentamente como mártir nas mãos de um imperador demente e sanguinário. Em nenhum momento, porém, o apóstolo se deixou abalar. Jamais permitiu que sofrimento, decepção, ou mesmo a perspectiva da morte, apagasse de sua memória a visão de sublime e gloriosa de Jesus e o chamado que lhe foi feito.

Wilber Alexander afirmou que “nenhuma genuína experiência cristã começa sem que, de algum modo, em algum lugar, alguém tenha uma visão de Cristo”. Parafraseando-o, eu diria que “nenhuma genuína vocação ministerial começa sem que, de algum modo, em algum lugar, alguém tenha uma visão de Cristo”. É a visão que ocasiona o chamado. É o chamado que valida o ministério. Visão e chamado são inseparáveis. Foi assim com Moisés, junto à sarça ardente; com Jacó, no vale de Jaboque; com Josué, junto ao Jordão; com Isaías, no templo, e com muitos outros. E quanto a nós?

Mudança de conceitos

A visão de Paulo na estrada de Damasco marcou indelevelmente pelo menos três aspectos fundamentais

de sua vida. Primeiro, sua religião. Como bom fariseu, ele pautava sua vida e religião pela lei de Deus. Não somente procurava obedecer rigorosamente a todos os mandamentos, como também acreditava que, ao assim fazer, alcançava méritos diante de Deus. Ele mesmo se disse irreprensível “no tocante à justiça que há na lei” (Fp 3:6).

Nada havia de errado com o cumprimento da lei, visto que ela foi dada justamente para ser cumprida. O problema é que, como a maioria dos judeus da época, o Paulo pré-Damasco procurava viver pela justiça que há na lei, esperando assim conquistar o favor divino. Ele não conseguia entender que a lei não foi dada com essa finalidade, que não há vida nem justiça na lei que possa expiar pecados ou nos colocar numa posição correta diante de Deus. Era como se um véu estivesse posto sobre seu coração (2Co 3:15). Mas, a visão de Cristo transformou sua vida e sua religião. Tudo o que antes ele valorizava, todas as coisas das quais se orgulhava e pelas quais vivia passaram a ser consideradas sem valor.

A visão da estrada de Damasco em nada diminuiu o interesse de Paulo para com a lei, muito menos sua disposição em obedecer aos mandamentos e fazer a vontade de Deus. Aquela visão apenas o levou a fazer de Cristo o centro de sua religião e de sua vida. Ele disse: “Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1:21).

Nossa experiência tem que ser marcada pela visão de Cristo e Sua graça. Ao falarmos sobre Cristo, ao apresentá-Lo ao povo, precisamos fazê-lo com a autoridade de quem O conhece pessoal e intimamente. Talvez, o maior desafio do pastor seja viver a religião. Ter genuína experiência de fé com Deus e com Cristo, seu Salvador, consiste no mais importante requisito para o pastor.

Por causa de nossos talentos, habilidades ou realizações pessoais, não é difícil acharmos que somos bons, superiores aos outros ou que merecemos alguma coisa. Oportuni-

dades para isso não faltam na forma de aplausos, elogios ou até “promoções”. Mas, a experiência de Paulo deve ser constante lembrança de que nossas supostas credenciais étnicas, religiosas ou profissionais nada significam diante da sublimidade de Cristo. Somente a visão da estrada de Damasco poderá fazer com que tenhamos uma visão clara de nós mesmos, daquilo que somos ou realizamos. A contemplação de Cristo nos leva a olhar para nós mesmos, para a pobreza, pequenez, insuficiência e indignidade que nos caracterizam. Diante da sublimidade de Cristo, mesmo nosso melhor é nada, e em nada contribuirá para melhorar nossa posição diante de Deus.

Tudo o que o mundo ou o ministério possam nos oferecer é superficial ou passageiro. O que realmente tem valor e perdura é nossa relação com Cristo. Uma relação de fé, forte o bastante para que nunca deixemos de enxergar a face de Cristo. Fé que nos leve a internalizar a visão dEle de tal modo que Sua imagem se reflita nas câmaras mais profundas de nosso coração. Fé pela qual a imagem de Cristo ofusque nosso eu, para que Ele possa viver em nós. Então poderemos dizer: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou em quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gl 2:20).

Novo comprometimento

A visão de Cristo afetou o senso de missão de Paulo. Antes de Damasco, ele era um *shaliah*, apóstolo do judaísmo, levando terror e destruição àqueles a quem considerava inimigos da fé judaica. Depois, um apóstolo de Jesus, levando perdão e salvação aos pecadores. Assim que se recuperou do impacto da visão e foi batizado por Ananias, ele começou a pregar “sem detença”, sem consultar carne nem sangue (Gl 1:16). Tamanho era seu senso de missão, que ele se considerava em débito para com todos, por causa do evangelho (Rm 1:14, 15).

Paulo não escolhia audiência. Gregos ou bárbaros, sábios ou ignorantes, todos precisavam ouvir a mensagem de Jesus e Sua graça. Ele se sentia devedor para com todos. Uma visão de Cristo, semelhante à de Paulo, deve afetar nosso senso de missão. Não devemos querer outra coisa, senão falar de Jesus, levá-Lo a outros. O ministério não consiste apenas em fazer séries de conferências e dar estudos bíblicos. Há outras atividades importantes, que não podem ser negligenciadas. Mas, o cumprimento da missão evangélica sempre deve ser o substrato, a mola propulsora e objetivo supremo do nosso trabalho.

É tudo uma questão de prioridade; pois, a igreja não existe senão com o propósito de proclamar as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para Sua luz (1Pe 2:9). Por isso, nosso interesse maior deve ser pregar a tempo e fora de tempo, quer seja oportuno quer não, quer tenhamos resultados imediatos ou não. “Porque não me enviou Cristo para batizar”, disse Paulo, “mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavras, para que se não anule a cruz de Cristo” (1Co 1:17). Em maior ou menor número, os batismos virão, mas sempre como bênçãos do Espírito, e não pelas realizações humanas; pois é o Espírito quem convence “o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8). Nosso dever é pregar.

Pregação cristocêntrica

Na estrada de Damasco, Cristo Se tornou o novo centro também da pregação de Paulo (Gl 3:1). Ele fundou as igrejas da Galácia, em sua segunda viagem missionária, e sua pregação ali estava em completa harmonia com a religião que ele mesmo passara a professar, ou seja, pregou a Cristo e este crucificado. Mas, foi com espanto que ele soube que os crentes ali deixados estavam abandonando Cristo e migrando para uma vida centrada na lei e nos méritos humanos (Gl 1:6-9; 3:1-5). Onde

quer que pregasse, suas mensagens eram cristocêntricas. Para Paulo, pregar o evangelho era proclamar Jesus Cristo sempre em relação à Sua obra redentora. Tudo o mais girava em torno da verdade central de que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1Tm 1:15).

Salvar do pecado, e ao mesmo tempo “nos ensinando para que, renegadas as paixões e impiedades vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 2:11, 12). Essa era a mensagem que Paulo pregava, quer fosse oportuno, quer não. Nem o tempo nem as dificuldades fizeram com que ele mudasse a abordagem. Assim, o tema de cada sermão que apresentamos deve ser Cristo, como Aquele que salva o ser humano do pecado e o coloca numa relação correta com Deus.

Há sempre o risco de perdermos de vista o antes e o depois do evangelho. Ou seja, o verdadeiro problema para o qual o evangelho é a solução e as implicações dessa solução. Do que exatamente Jesus nos salva? Por que precisamos desse evangelho? Quando diminuimos a ênfase na realidade do pecado, o resultado inevitável é um cristianismo sentimental.

O problema do perfeccionismo que tem ressurgido e feito estragos em muitas igrejas talvez não seja senão herança do evangelho emocional que começou a ser pregado em nosso meio poucas décadas atrás. Para fugir do legalismo, fomos para o extremo de um evangelho relacional, um Cristo que era a solução para todos os traumas existenciais e psicológicos do ser humano – tudo, menos Salvador do pecado. A sub-ênfase no problema do pecado acabou distorcendo nossa pregação, fazendo com que ela perdesse a espinha dorsal da tríplice mensagem angélica que sempre a caracterizou. Em essência, o evangelho que era pregado em muitos de nossos púlpitos em pouco ou nada diferenciava do de outros grupos cristãos. Como resultado, muitos ouviam nossas pregações e se uniam a outras igre-

jas. Semeávamos e outros colhiam.

Acho bem possível que foi esse evangelho descontextualizado do pecado e de pouca ou nenhuma implicação ética e doutrinária que acabou trazendo de volta, como reação contrária, a ênfase legalista numa vida perfeita aqui e agora, e na necessidade de tal perfeição para alcançarmos o Céu. Em outras palavras, um abismo atrai outro abismo (Sl 42:7). Ou, como disse Jesus, um demônio nunca vem sozinho (Lc 11:26).

Mensagem transformadora

Paulo jamais pregou a cruz sem falar, antes, no pecado que impregna o coração humano. Ele não pregava a Cristo sem apresentá-Lo como a justiça salvífica de Deus. Embora Cristo sempre fosse o perfeito modelo a ser seguido, ele nunca afirmou que seria possível alcançar a perfeição nesta vida. Nos anos finais de seu ministério, pouco antes de sua morte, ele escreveu: “Quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:13, 14).

Devemos pregar a Cristo, como Aquele que salva do pecado, que nos coloca no caminho da santificação e que, em Sua segunda vinda, nos transformará para finalmente sermos como Ele é. Para isso, é necessário que nós O conheçamos pessoalmente, intimamente. Que tenhamos uma visão dEle como a que Paulo teve na estrada de Damasco. Uma visão parcial, embaçada ou ofuscada por interesses pessoais e temporais, por comodismo, negligência ou falta de fé, nada adiantará. Se não tivermos essa visão, nossos mais diligentes esforços estão destinados ao mais estrondoso fracasso.

Se tivermos a visão do Crucificado e formos fiéis à nossa nobre vocação, a igreja poderá esperar grandes coisas de nós. Deus operará grandes coisas por nós. ▀

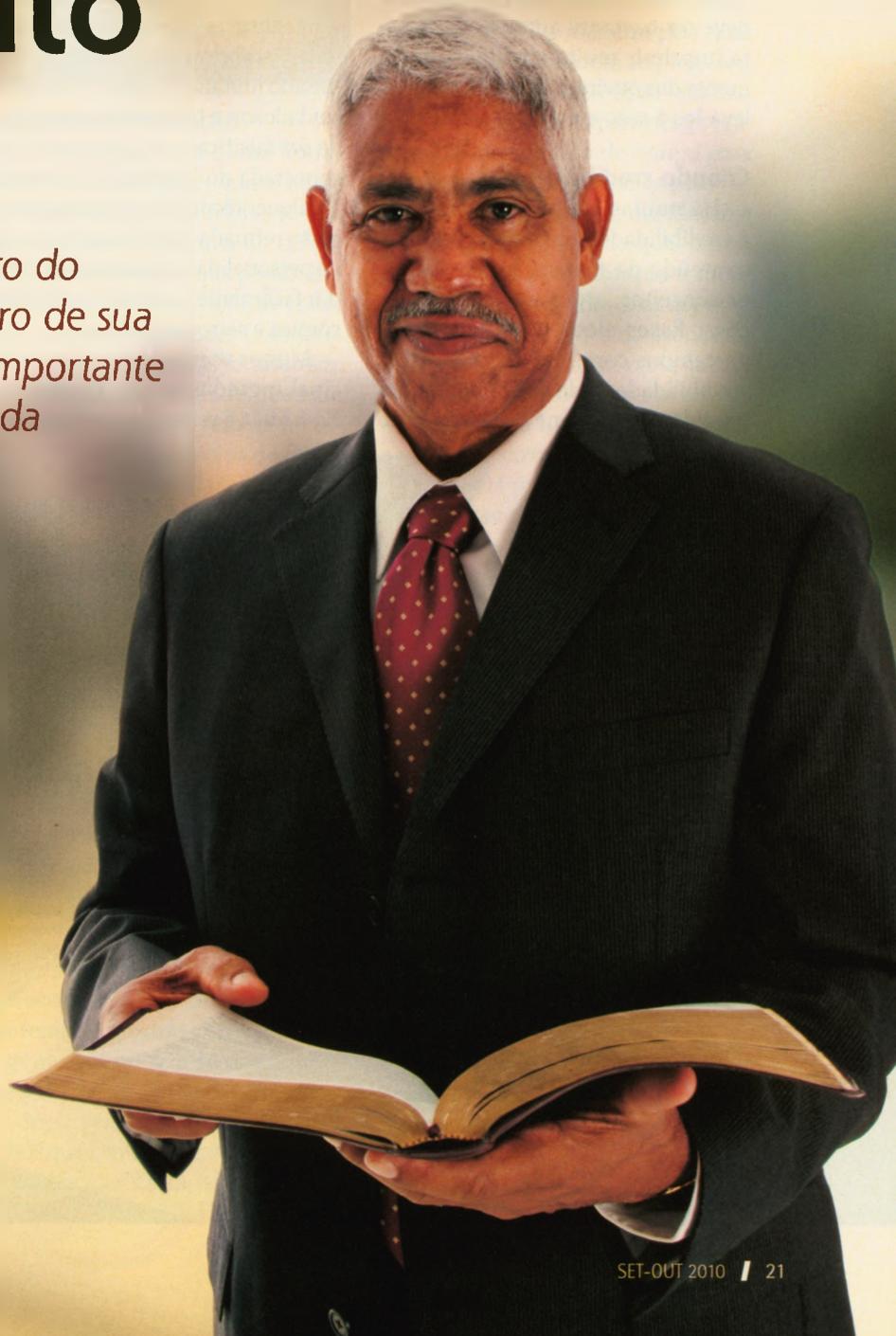


Deão do Seminário Teológico da Universidade Walla Walla, Estados Unidos

O sermão digno de crédito

Aquilo que acontece dentro do pregador durante o preparo de sua mensagem desempenha importante papel no estabelecimento da pregação acreditável

A pregação pode ser considerada audaciosa para ser feita por seres humanos – ousar colocar-se diante do púlpito para falar em lugar de Deus, porque Deus não está pessoalmente ali para falar por Si mesmo. Apesar disso, os pregadores são dirigidos pela crença de que a pregação é um mecanismo divinamente ordenado, pelo qual eles podem afetar vidas. Semelhantemente ao apóstolo Paulo, os pregadores vivem sob a urgência das palavras: “Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão nAquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue?” (Rm 14:10).



Para que seja efetiva, a pregação tem que ter credibilidade. Não é muito fácil definir credibilidade, porque ela tem algo como intangível. Credibilidade é alguma coisa que torna a pregação interessante, urgente e efetiva. Sua ausência, ao contrário disso, a torna fraca e ineficaz. Comumente, credibilidade é compreendida como a habilidade que tem uma pessoa para induzir outra à crença. O *Merriam-Webster Online Dictionary*, por exemplo, define credibilidade como “a qualidade ou poder de inspirar crença”.¹ Então, um sermão com credibilidade deve ter bastante autenticidade para imprimir muita credibilidade na mente dos ouvintes, o suficiente para levá-los à ação e mudança.

Criando credibilidade

Há muitas coisas que produzem a credibilidade. A primeira delas é o conteúdo da mensagem: as ideias, os conceitos, argumentos e ilustrações. Esses elementos devem ser percebidos como verdadeiros, ou a credibilidade pode ser rapidamente perdida. Lembro-me de ter pregado

um sermão que foi bem apresentado, no seu todo, mas continha uma ilustração que a congregação achou que era um tanto irreal. Assim, o todo do sermão perdeu sua credibilidade e, portanto, seu efeito. Outro sermão pregado por mim foi considerado de muita credibilidade, primeiramente porque, na presença de alguns profissionais de saúde, descrevi corretamente os mecanismos pelos quais ocorre o mal de Hansen.

Um segundo elemento no estabelecimento de credibilidade na pregação refere-se à técnica e capacidade – habilidades que podem ser aprendidas, emprestadas, copiadas ou até mesmo imitadas. Porém, devemos ser cuidadosos: a técnica emprestada, pode ser falsificada ou, pior ainda, desconectada do “coração” do pregador. Qualquer técnica tomada emprestada e não refinada o suficiente para caber na personalidade e natureza do pregador facilmente acaba parecendo falsa, cômica e sem credibilidade.

Muitos veem a técnica como principal ingrediente na credibilidade. Essa ideia é refletida em nossa gran-

de fascinação por oradores ostentosos. Também, muitos imediatamente se voltam para melhorar a técnica quando confrontados com a ineficácia de sua pregação.

Dinâmica interna

Embora o conteúdo e a técnica exerçam papel substancial no estabelecimento da credibilidade da pregação, um terceiro elemento, em grande parte, de muita importância, deve ser considerado: a dinâmica interna entre o pregador e a mensagem que ele apresenta. Diante da importância da credibilidade da pregação, essa dinâmica² se torna particularmente importante, mas raramente se comenta a respeito dela.

Na pregação, mais que em outras formas de discurso, a credibilidade é originada não apenas no conteúdo da mensagem, não apenas na forma em que a mensagem é apresentada, mas também de alguma coisa percebida como oriunda de dentro do próprio pregador. Como um processo vivo, a pregação e sua efetividade não podem ser divorciadas do pregador. O processo, produto e a pessoa são entrelaçados e interdependentes. Com frequência, quando pensamos a respeito de vidas a ser tocadas pela pregação, pensamos nos ouvintes da congregação. Raramente consideramos a existência de outra pessoa que deve ser afetada pelo sermão – o próprio pregador.

Fred Craddock expôs o fundamento para a dinâmica interna sobre a qual a credibilidade da pregação é construída, quando afirmou que a natureza do trabalho do pastor “torna impossível separar o caráter da performance”.³ Craddock diz que “na pregação, alguém sempre diz mais do que o que é dito, ou menos”.⁴ Na verdade, a pregação e o ministério como um todo envolvem num mesmo pacote a pessoa e a tarefa. A última não pode ser acreditável sem que a primeira seja genuína.



Foto: Daniel de Oliveira

A máquina homilética

Uma das melhores maneiras de compreender como a credibilidade é construída no pregador e no sermão é gastar tempo revendo como são produzidos os sermões. O processo de nascimento e tendência de um sermão, da origem à apresentação dele, é conhecido entre os pregadores. A boa pregação não é resultado de acidente, mas é o produto de um processo disciplinado estabelecido como um aspecto central da vida do pregador. Por falta de melhor expressão, chamo esse processo de “máquina homilética”.

Entre as partes responsáveis pelo funcionamento dessa engenharia, eu destacaria a manutenção de pelo menos um mínimo de vida devocional, ampla leitura sobre muitos assuntos, e desenvolvimento de certa propensão homilética que leva o pregador a ver todas as coisas com os olhos de alguém que tem que pregar. Isso inclui o hábito de preservar ideias que podem se tornar sermões. Essa máquina homilética pode ainda incluir o desenvolvimento de um arquivo de ilustrações, contato pessoal com os membros da congregação e interação com a comunidade local. Também deve estar incluída a disciplina de estabelecer um significativo número de horas semanais para leitura, meditação, bem como para escrever e reescrever sermões.

Essencialmente, a máquina homilética inclui o processo que começa com o nascimento de uma ideia, passando à preservação dessa ideia, para incubação e destilação, então escrevê-la e refiná-la ao ponto em que realmente se torna praticada e finalmente pregada. Esse processo pode variar em alguns graus dessa descrição, e pode ser formal ou informal. Porém, sua composição e função são compreendidas por todos os pregadores.

Bons pregadores se disciplinam para desenvolver essa máquina e instalá-la em sua vida. Ela nunca está desligada. E, se for bem construída e estiver em boas condições de operação, o nú-

mero de ideias e sermões produzidos será infindável; a qualidade, elevada. Aqueles que pregam regularmente bem sabem como esse processo afeta a vida e, por esse processo e disciplina todo abrangentes, os pregadores apresentarão alguma coisa digna de ser ouvida semana após semana.

“O pregador que se permite ser descuidado com a pregação se torna ‘como o bronze que soa ou como o címbalo que retine’”

Incubação e destilação

À medida que a máquina homilética se torna central, quase automaticamente a contemplação das coisas de Deus é colocada no centro da vida; uma situação que possibilita ao pregador a oportunidade de tratar dessas coisas quase como mandato. Aliás, ele é pago para isso também. Por causa da necessidade que tem de pregar, o pregador tem de investir tempo com os negócios de Deus. Sozinha, essa necessidade tem o potencial de afetar significativamente a vida dele, porque a Palavra, por sua própria natureza, tem poder para mudar e abençoar vidas.

Particularmente cruciais para a criação de credibilidade são os passos no processo homilético que envolvem meditação. Incubação e destilação devem ser colocadas no topo desses passos. O tempo de incubação é definido como sendo o tempo em que, e por meio do qual, o pregador capta uma ideia, às vezes desestruturada e até acidental, pensa a respeito dela, pondera muitas vezes e analisa-a sob vários pontos de vista. A incubação pode ocorrer em qualquer tempo – quando o pregador está dirigindo automóvel, se divertindo, comendo ou tomando banho.

A meu ver, ninguém descreveu melhor que David Hansen o processo de incubação: “Durante uma hora, gosto de estar sozinho com o texto.

Repetidamente o leio, paro e me fixo nele. Coloco o texto na tela do computador. Observo-o, movimento-o, a única regra é não ter pressa. Levanto-me e vou caminhar um pouco. Deixo ali o texto de modo que o possa ver, dividido em parágrafos, acompanhado de ilustrações. Gravo-o na mente, quero que fique em meu subconsciente. Isso requer tempo. Novamente, o fito. A palavra ‘fitar’ tem origem latina relacionada com vigor, ardor. Fitar o texto é meditação ardorosa. Isso é feito dentro de nós.”⁵

John Killinger, professor de homilética, diz: “Da maneira pela qual primeiramente ocorrem ao pregador, as ideias podem não estar em sua forma final, prontas para ser pregadas. Elas necessitam de tempo para amadurecer, antes de ser usadas.”⁶

Oposta à incubação, destilação é o processo por meio do qual o pregador destila da meditação a mensagem a ser pregada. Um aspecto particularmente difícil da destilação é a criação de uma frase-tema que diga sucintamente o propósito do sermão, processo habilmente descrito por John Henry Jowett: “Nenhum sermão está pronto para ser escrito nem pregado, até que possamos expressar seu tema numa frase curta e significativa, clara como cristal. Concluí que encontrar essa frase é o trabalho mais difícil, mais exigente e frutífero do meu estudo.”⁷

Qual é o ponto aqui? Se a ideia de um sermão cresce para se tornar alguma coisa acreditável, ela tem que ser processada, absorvida, incubada e, então, destilada. É bastante substancial para se tornar um sermão? Qual é a ideia essencial? Quais são as ideias secundárias a ela? Há alguma situação ou eventos na igreja ou na comunidade aos quais essa ideia possa ser apropriadamente direcionada? Quais são as aplicações que podem ser feitas a partir dela?

Os efeitos desse processo são extensos. O pregador não tem apenas alguma coisa para dizer, mas tem sempre muito mais do que pode ser utilizado em um único sermão.

Ansiedade trêmula

Todas essas reflexões e ponderações não esclarecem nem expandem uma ideia, mas têm enorme capacidade para afetar o pregador. Enquanto ele trabalha através do processo homilético, junto com a organização da ideia, muitas coisas acontecem. A primeira é a criação do desenvolvimento de um sentido de propriedade e urgência, que é componente fundamental para a pregação acreditável. Isso previne o pregador de aparecer e pregar como se nada estivesse em risco. Como disse Craddock, “pregar como se nada estivesse em risco é uma contradição”.⁸

Tal sentido de propriedade e urgência mostra-se como tensão, quase temor, ao qual William Barclay denominou “ansiedade trêmula”. Esse temor, diz Barclay, é mais bem compreendido como “a ansiedade trêmula para cumprir um dever. Quem realiza bem uma tarefa não é o homem que não treme diante dela... O pregador realmente grande é aquele cujo coração bate mais forte e rápido enquanto espera o momento de pregar. O homem que não tem nenhum nervosismo, nenhuma tensão diante de alguma tarefa pode ter um eficiente desempenho; mas é o homem que tem essa ansiedade trêmula o que pode produzir um efeito que nenhuma obra de arte sozinha jamais pode conseguir”.⁹

A ansiedade trêmula é produzida durante a incubação e o preparo. E, quando as pessoas ouvem um orador infundido com esse sentimento, elas percebem. O pregador sinaliza que o que tem a dizer deve ser considerado demasiadamente importante para fazer diferença. Se essa ansiedade for perdida, o sermão soará vazio e não será convincente. É dessa dinâmica que emerge a credibilidade.

Existe um possível efeito secundário do processo homilético que é, ao mesmo tempo, óbvio e fascinante: o efeito devocional sobre o pregador. Para os pregadores, o valor devocional do preparo do sermão pode se transformar em algo de objeto vo-

látil. Se você pergunta: O tempo de preparo do sermão pode ser contado como tempo devocional para o pregador? Muitos responderiam com um sonoro “não!” Devia ser mais correto responder com um sonoro “sim!” Parece inacreditável sugerir que, enquanto o pregador investe no processo homilético, incubando uma ideia, destilando-a num sermão, escrevendo-o e reescrevendo-o, esse tempo de preparo não tenha nenhum efeito devocional sobre a vida dele.

Precisamente dessa intersecção entre o coração do pregador e a mensagem, também emerge a credibilidade. Essa credibilidade ocorre apenas quando a mensagem toca a vida do pregador. Quando um pregador se sente tocado por sua mensagem, mesmo um sermão pobremente construído e apresentado pode exercer considerável efeito, mais que qualquer outro que tenha somente excelência técnica.

John Killinger tem uma exposição maravilhosa sobre o efeito da dinâmica interna entre o pregador e a mensagem: “Espere silenciosamente diante da página quando você a tiver lido. Feche os olhos e deixe as imagens cruzarem sua mente em vívido retrospecto. Deixe-se tremer diante da presença da Palavra nas palavras do sermão. Então, equipado com todo seu conhecimento extraído de comentários e dicionários, você irá para o púlpito com alguma coisa extra, com a convicção de que você mesmo ouviu o distante eco do ‘Assim diz o Senhor’.”¹⁰

Sim, você irá ao púlpito sentindo o que P. T. Forsyth descreve: “Não creio em inspiração verbal. Em princípio, estou com os críticos. Mas, o verdadeiro ministro devia achar as palavras e frases da Bíblia tão cheias de alimento e felicidade espirituais, que ele tem alguma dificuldade em não crer na inspiração verbal”.¹¹

O preço da excelência

O que acontece dentro do pregador durante o preparo do sermão desempenha importante papel no

estabelecimento da pregação acreditável. A diferença que isso faz para os ouvintes é muito significativa. “Por um lado, a diferença é entre ouvir um sermão e ouvir a Palavra de Deus; entre ver o ziguezague de um relâmpago em um filme e ser exposto ao açoite e terror do próprio fato; entre ler um artigo sobre a vida no exército e fazer parte dele, vivendo controlado pelos superiores; entre discutir dogmas e encontrar o Deus vivo”.¹²

Os pregadores devem ter o cuidado de atentar para a dinâmica interna que alenta a pregação. Eles devem constantemente afinar e consertar sua máquina homilética. Há muitas coisas que podem impedir o bom funcionamento dela. Por exemplo, tomar emprestados sermões alheios, falta de sinceridade, falta de meditação e reflexão, descrença e sobrecarga podem ser fatais. Qualquer que seja seu custo, a pregação é muito valiosa para ser tratada como brincadeira. Aqueles que se inclinam à dinâmica interior da pregação são dignos de ser ouvidos, mesmo que suas habilidades não sejam as melhores. Aqueles que se permitem ser descuidados com ela se tornam “como o bronze que soa ou como o címbalo que retine”. Esses são indignos do púlpito e deviam deixar para outros o trabalho de pregação. ■

Referências:

¹ Merriam-Webster Online, “credibility”, <http://www.merriam-webster.com/dictionary/credibility>

² Phillips Brooks, *Lectures on Preaching* (Nova York: E. P. Dutton and Company, 1907).

³ Fred Craddock, *Preaching* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1985), p. 23.

⁴ Ibid.

⁵ David Hansen, *The Art of Pastoring* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994), p. 94.

⁶ John Killinger, *Fundamentals of Preaching* (mineápolis, MN: Augsburg Fortress, 1996), p. 51.

⁷ John Henry Jowett, *The Preacher, His Life and Work* (Nova York: George H. Duran Co., 1929), p. 133.

⁸ Fred Craddock, *Op. Cit.*, p. 25.

⁹ William Barclay, *The Letters to the Corinthians* (Nashville: Westminster Press, 1975), p. 24.

¹⁰ John Killinger, *Op. Cit.*, p. 26.

¹¹ P. T. Forsyth, *Positive Preaching and the Modern Mind* (Cincinnati, OH: Jennings and Graham, 1907), p. 38.

¹² Thomas Keir, *The Word in Worship*, citado em John Killinger, *Op. Cit.*, p. 25.

Pastor na Missão
Pernambucana Central

Sucesso e comunhão

“Aqueles que levam a efeito os maiores resultados são os que mais implicitamente confiam no braço do Todo-poderoso... Os homens de oração são os homens de poder”

Neste momento, em algum lugar, alguém está enfrentando grande sofrimento. Guerras, fome, calamidades naturais, crise financeira, abuso, doença, miséria, morte. Gente rica presa na escravidão do ganho e no legado de uma vida falsamente satisfeita. O prazer sendo adorado e Deus, desprezado. Vivemos no século 21, com seus desafios. E somos pastores, chamados para pregar a quem não quer ouvir, aconselhar a quem não quer conselho, oferecer salvação a quem acha que não precisa.

Analisando nossa época a partir de uma perspectiva mais ampla, observamos o que William A. Beckham chama de “quatro fatores históricos”¹ contribuintes para a condição atual do mundo. O primeiro é a explosão populacional. Estima-se que “a população mundial deva ultrapassar os nove bilhões de indivíduos, em 2050, contra 6,8 bilhões neste ano e sete bilhões no início do ano 2012”.²

Esse fator leva ao segundo: a implosão urbana. A população que cresce a cada ano está migrando para as cidades, o que indica que “os eventos-chave do século 21 estão ocorrendo em um contexto urbano”.³ A urbanização crescente é a semente para a existência dos dois últimos fatores: a alienação social, ligada ao comportamento do homem moderno, que se isola do mundo externo, interagindo cada vez mais com máquinas e computadores impessoais e usando tempo, dinheiro e material para construir muros, grades e barreiras. Com isso, ele pretende sentir segurança na insegurança do ambiente urbano, que hoje significa solidão e medo.

É nesse contexto desafiador que devemos proclamar boas-novas. Somente nos será possível vencer tal desafio quando formos dotados do poder do alto. Apenas indivíduos que levem a marca da aprovação divina obterão sucesso na tarefa de alcan-

çar e transformar vidas complexas. Na Bíblia, encontramos exemplos de pessoas comuns sendo usadas por Deus para realizar ações incomuns. Se foi assim no passado, assim será hoje.

Uma confissão

Os heróis bíblicos mantinham uma prática que lhes garantia sucesso diante de situações difíceis: comunhão pessoal com Deus. Para eles, a base e o início de tudo eram a oração e o estudo da Palavra de Deus. Tenho aprendido que esse hábito precisa ser inerente ao nosso trabalho, como pastores; pois, não podemos partilhar com as ovelhas o alimento que não temos.

A relação sucesso pastoral e comunhão com Deus é diretamente proporcional. Contudo, ter consciência disso me faz sentir um misto de alegria e tristeza. Alegria, por saber que Deus está ao meu alcance, da mesma forma que estava ao alcance dos heróis da fé. Tristeza, por saber

que ainda carecemos do relacionamento profundo que aqueles personagens mantinham com Deus, de modo que o Senhor podia usá-los poderosamente para curar, vencer guerras, parar a Terra, a chuva e, depois, fazer chover.

Lembro-me das histórias sobre pastores adventistas que eu ouvia em minha adolescência. Eram relatos de homens que realizavam coisas extraordinárias para Deus. Encantava-me saber a respeito de instrumentos nas mãos do Senhor sendo usados para restaurar vidas, curar, confortar e, com suas orações e pregação, fazer tremer o inferno. Hoje, não ouço muito sobre fatos semelhantes a esses. Acaso, teria o Espírito Santo deixado de ser o objetivo áureo das nossas buscas? Mas, nem tudo está perdido. Ultimamente, Deus tem falado ao meu coração algo que decidi partilhar neste artigo com você: “Sem Mim, nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Exemplos bíblicos

Lembra-se de Josué? Devia enfrentar uma batalha contra os amorreus, mas não o fez antes de pedir autorização ao Senhor, que lhe respondeu: “Não os temas, porque nas tuas mãos os entreguei; nenhum deles te poderá resistir” (Js 10:8). O resultado de ter ido a Deus inicialmente foi uma grande vitória: “O ataque resultou na completa derrota dos assaltantes. A imensa hoste fugiu de diante de Josué”.⁴

Porém, não era plano de Josué nem de Deus que os inimigos escapassem vivos, pois isso poderia ocasionar outra guerra.⁵ “Então, Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel; e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeom, e tu, Lua, no vale de Aijalom. E o Sol de deteve, e a Lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no Livro dos Justos? O Sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. Não houve dia semelhante a este,

nem antes nem depois dele, tendo o Senhor, assim, atendido à voz dum homem; porque o Senhor pelejava por Israel” (Js 10:12-14).

Que ousadia! O dia em que a Terra parou foi justamente através da oração de um homem feito do pó igual a mim e a você. Josué foi ousado, mas essa foi uma ousadia resultante da intimidade com o Pai. Ellen White escreveu: “[Josué] Fez tudo que a energia humana podia fazer, e então pela fé clamou rogando auxílio divino. O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano. Aqueles que levam a efeito os maiores resultados são os que mais implicitamente confiam no braço do Todo-poderoso. O homem que ordenou: ‘Sol, detém-te em Gibeom, e tu, Lua, no vale de Aijalom’, é o homem que durante horas jazeu prostrado em terra, em oração, no acampamento em Gilgal. Os homens de oração são os homens de poder.”⁶

Em outra ocasião, Pedro, anteriormente covarde e impulsivo, olhou para um homem inválido havia quarenta anos, à porta do templo, e respondeu ao seu pedido de esmola com a autoridade de quem estava cheio do Espírito: “Não possuo prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda! E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram; de um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus” (At 3:6-8). Todos nós desejamos esse poder. Contudo, é salutar que não nos esqueçamos do que Pedro fez, antes de realizar aquele milagre:

“Os discípulos de Cristo tinham profundo senso da própria ineficiência, e com humilhação e oração uniam sua fraqueza a Sua força, sua ignorância a Sua sabedoria, sua indignidade a Sua justiça e sua pobreza a Sua inesgotável riqueza. Assim fortalecidos e equipados, não hesitaram em avançar a serviço do Mestre.”⁷

Sem comunhão, não pode haver sucesso pastoral. Homens dotados

das mais altas capacidades intelectuais não são suficientes para realizar grandes coisas para Deus nem por Ele. E o modo de vida das pessoas no século 21 exige que grandes feitos sejam levados a cabo, em testemunho do amor de Jesus.

Hoje, mais do que nunca, quando o fim se aproxima, são necessários servos dotados da plenitude do Espírito e de grande capacidade espiritual, resultante da associação com o General dos exércitos, para que o mundo incrédulo veja Seu poder. “Deus fará grandes coisas por aqueles que nEle confiam. A razão pela qual Seu povo professo não tem maior força, é que confiam tanto em sua própria sabedoria, e não dão ao Senhor oportunidade para revelar Seu poder em favor deles. Ele auxiliará Seus filhos crentes em toda a emergência, se nEle puserem toda a confiança, e fielmente Lhe obedecerem.”⁸

Minha oração

Senhor, não permita que eu me torne um pastor profissional, mecânico, mercenário. Não deixe que minhas metas se resumam à manutenção de uma igreja morna e ao recebimento do salário no fim do mês. Incomoda-me, Senhor, para que eu não fique confortável com a estabilidade financeira e a boa moradia que a igreja me permite desfrutar, nem com o *status* que me é concedido pela vocação pastoral. Que a busca pelo poder do Espírito Santo seja minha obsessão diária. Ajuda-me, em nome de Jesus, para que essa busca não seja somente emocionalismo passageiro, mas uma meta fixa, assim como minha vontade de respirar. ■

Referências:

¹ William A. Beckham, *A Segunda Reforma: A Igreja do Novo Testamento no Século 21* (Curitiba, PR: Ministério Igrejas em Células no Brasil, 2007), p. 68.

² <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/populacao-mundial-ultrapassar-9-bilhoes-individuos-2050-427103.shtml>

³ William A. Beckham, *Op. Cit.*, p. 70.

⁴ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 508.

⁵ *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* (Buenos Aires, AR: Aces, 1994), v. 2.

⁶ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 509.

⁷ _____, *Atos dos Apóstolos*, p. 57.

⁸ _____, *Patriarcas e Profetas*, p. 493.



Reitor do Salt e coordenador do Espírito de Profecia na Divisão Sul-Americana

TEMPO DE ESPERANÇA

O sábado no tempo do fim

As últimas páginas da história deste mundo serão marcadas por uma polarização global entre os que guardam os mandamentos de Deus e os que seguem tradições humanas

Ao longo da história humana, sempre existiram observadores do sábado entre o professo povo de Deus.¹ Mas seu número oscilava de acordo com o predominante grau de aceitação ou rejeição da Palavra de Deus. No Antigo Testamento, encontramos, por exemplo, o cativo egípcio e o período pré-exílico, caracterizados por grande apostasia e negligência na observância do sábado (Êx 5:17; 16:28; Am 8:4-6; Jr 17:19-27; Ez 20:1-44). Em contraste, essa observância foi

restaurada, respectivamente, na experiência do maná no deserto de Sim (Êx 16:1-5, 22-30) e na reforma pós-exílica empreendida por Neemias (Ne 13:15-22).

O período pós-apostólico foi marcado por um profundo e duradouro abandono do sábado bíblico, e a imposição do domingo antibíblico em seu lugar (cf Dn 7:25; At 20:29, 30).² O processo atingiu seu clímax nos 1.260 anos de supremacia papal (Dn 7:25; 12:7; Ap 11:2, 3; 12:6, 14; 13:5), que se estenderam de 538 d.C.

a 1798 d.C.³ Mas, ao término das 2.300 tardes e manhãs (em 1844), a verdade bíblica integrada pelo santuário, incluindo o sábado, começaria a ser restaurada mais definitivamente (Dn 8:14).⁴ O sábado passou a ser reconhecido como um mandamento moral enriquecido por uma nova dimensão escatológica.

O presente artigo⁵ considera a relevância do sábado para o tempo do fim, com ênfase em sua compreensão como (1) mandamento moral, (2) sinal eterno e (3) selo escatológico.

“Mas a fim de santificar o sábado, os homens precisam ser eles próprios santos”

Mandamento moral

Existem pelo menos três grandes evidências bíblicas que confirmam a natureza moral do sábado. Uma delas é sua origem edênica, antes da entrada do pecado no mundo. Gênesis 2:2, 3 declara: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera”.

O próprio *descanso* de Deus nesse dia representa a instituição do sábado para Suas criaturas, pois, de acordo com Hans K. LaRondelle, “o exemplo de Deus é tão autoritativo quando o Seu mandamento” (cf Êx 20:8-11).⁶ Mas os atos divinos de também *santificar e abençoar* esse dia corroboram tal instituição; pois ao Deus abençoar e santificar algo, Ele sempre o faz em benefício de Suas criaturas. Esse tríplice ato de Deus confere autenticidade à origem edênica do sábado (Gn 2:2, 3), anterior à queda de Adão e Eva (Gn 3), quando tudo ainda “era muito bom” (Gn 1:31).

A natureza moral do sábado também é atestada pelo fato de o quarto mandamento ter sido escrito pelo próprio dedo de Deus sobre as tábuas de pedra contendo os Dez

Mandamentos (Êx 31:18). Inserido no Decálogo pelo próprio Deus, o quarto mandamento compartilha da mesma natureza moral que caracteriza os outros nove preceitos. Se a lei, de acordo com o apóstolo Paulo, “é santa; e o mandamento é santo, e justo, e bom” (Rm 7:12), então o quarto mandamento também deve ser considerado santo, justo e bom. Portanto, qualquer alteração no conteúdo desse mandamento é ilegal e representa um atentado direto à autoridade divina (Dn 7:25).

Uma terceira evidência bíblica da natureza moral do sábado é a promessa de que ele continuará sendo observado pelos remidos nos “novos céus” e na “nova Terra” (Is 66:22, 23; cf. Ap 21:1).

O livro do profeta Isaías enfatiza não apenas a *universalidade do sábado*, como destinado “para todos os povos” (Is 56:1-8), mas também a sua *perpetuidade*, como prosseguindo até o fim da história humana e adentrando os próprios portais da eternidade (Is 66:22, 23). Portanto, o sábado é de natureza moral e de abrangência universal, cuja validade não se restringe a qualquer tempo, lugar ou povo específico. Ele é tão válido hoje, no tempo do fim, como sempre foi ao longo da história humana.

Sinal eterno

A compreensão do sábado como sinal eterno está intimamente relacionada ao tema das alianças entre Deus e Seu povo escolhido. Uma breve análise desse tema revela que cada aliança tinha um sinal específico. Por exemplo, o *arco-íris* foi posto como sinal da “aliança eterna” de Deus com Noé e “todos os seres vivos” sobre a Terra, de que esta jamais será destruída outra vez por água (Gn 9:9-17). Deus estabeleceu a *circuncisão* como sinal de Sua “aliança perpétua” com Abraão e seus descendentes, ou seja, o povo de Israel (Gn 17:9-14; Lv 12:3). Cristo instituiu o *batismo* como sinal de ingresso na comunidade dos crentes (Jo 4:1, 2; Mt 28:18-20; Mc 16:15, 16), em substituição à circuncisão (Gl 5:6).

Mesmo que algumas dessas alianças sejam qualificadas como eternas ou perpétuas, tanto elas quanto os sinais relacionados a elas foram instituídos em algum momento da história humana após o pecado.

Como “sinal para sempre” da “aliança perpétua” de Deus com todos os seres humanos (Êx 31:12-17; Ez 20:12, 20; Mc 2:27, 28), o sábado provém da eternidade (Gn 2:2, 3) e avança rumo à eternidade (Is 66:22, 23), permeando todas as demais alianças bíblicas, sem se limitar a nenhuma delas. Coexistindo com os sinais anteriormente mencionados, sem substituí-los nem ofuscá-los, o sábado é de natureza imutável, não podendo sua santidade ser transferida para nenhum outro dia. Sem dúvida, a aliança eterna é proclamada pelo “evangelho eterno” que ordena: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas (Ap 14:6, 7; cf. Êx 20:11)

As duas principais enunciações do quarto mandamento (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15) confirmam o sábado como sinal de lealdade a Deus como Criador e Redentor. Enquanto o motivo para a observância do sábado em Êxodo 20:11 é a *criação* – “porque em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” – em Deuteronômio 5:15 o motivo é a *redenção* – “porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado”. Portanto, o sábado é um memorial divino da criação e da redenção, e sinal eterno de lealdade a Deus.

Selo escatológico

O sábado é um mandamento moral e um sinal eterno que, transpondo os séculos, continua sendo um canal de bênçãos aos seres humanos. Mas, em meio à generalizada apostasia do

tempo do fim, surgiria um movimento profético proclamando as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 em âmbito mundial, “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (v. 6). Essa proclamação acabaria polarizando os seres humanos entre “os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (v. 12), de um lado, e os que adoram “a besta e a sua imagem” e recebem “a sua marca na fronte ou sobre a mão” (v. 9-11), do outro.

Apocalipse 13 afirma que a besta de dez chifres (v. 1-10) possui uma “marca” que será imposta aos seres humanos pela besta de dois chifres (v. 11-18). Apocalipse 14 deixa evidente que as pessoas que guardam os mandamentos de Deus (v. 12) não recebem essa marca, e que aqueles que a recebem (v. 9-11) não guardam os mandamentos de Deus. Identificando a primeira besta com o catolicismo e a segunda com o protestantismo apóstata, os adventistas entendem que essa marca se refere a uma instituição (1) contrária aos “mandamentos de Deus” e (2) aceita tanto pelos católicos quanto pelos protestantes. Nenhuma outra instituição antibíblica poderia se enquadrar melhor nessa categoria que o domingo.⁷

As últimas páginas da história deste mundo serão marcadas por uma polarização global entre os que guardam os mandamentos de Deus e os que seguem as tradições humanas. Nesta polarização final, a observância do domingo acabará se transformando na “marca” da besta para aqueles que rejeitarem conscientemente o sábado bíblico. Por outro lado,

a verdadeira observância do sábado será o “selo do Deus vivo” aos que se mantiverem leais a Deus e Sua palavra (Ap 7:2; 9:4); pois o quarto mandamento do Decálogo continua instando que “o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (Êx 20:10).

Tendo sido já “selados” interiormente “com o Espírito Santo” para “o dia da redenção” (Ef 1:13; 4:30), os filhos de Deus que viverem no fim dos tempos observarão o sábado do sétimo dia como “selo” de lealdade a Deus.⁸ Com base em Hebreus 4, o sábado pode ser considerado “um sinal exterior de uma experiência interior”⁹ de descanso em Deus (v. 10), que resulta da salvação pela graça (v. 16) por meio da fé (v. 3). Isso significa que o sábado só pode se tornar o selo de lealdade a Deus para aqueles cuja vida está sendo santificada pelo poder do Espírito Santo (Hb 12:14).

Ellen G. White comenta nos seguintes termos a relação entre a observância do sábado e a experiência da salvação: “Mas a fim de santificar o sábado, os homens precisam ser eles próprios santos. Devem, pela fé, tornar-se participantes da justiça de Cristo. Quando foi dado a Israel o mandamento: ‘Lembra-te do dia do sábado, para o santificar’ (Êx 20:8), o Senhor lhes disse também: ‘E ser-me-eis homens santos’ (Êx 22:31). Só assim o sábado poderia distinguir Israel como os adoradores de Deus.”¹⁰

A pedra de toque

No conflito entre a verdade e o erro haverá, como já foi mencionado, uma polarização entre os que guardam os mandamentos de Deus (Ap 14:12) e os que seguem as tradições humanas (Ap 14:9-11), o que acabará colocando o sábado em evidência. Ellen G. White esclarece que “o sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem”.¹¹ O povo de Deus, cheio do Espírito Santo, proclamará “o sábado

mais amplamente”, o que suscitará forte oposição das igrejas que observam o domingo.¹²

Sem dúvida, o tempo está se aproximando rapidamente em que a ira satânica se intensificará ainda mais contra “os que guardam os mandamentos de Deus e têm ao testemunho de Jesus” (Ap 12:9, 17). Precisamos de mais profunda compreensão bíblica da natureza e do significado do sábado, a fim de podermos responder de forma convincente a todo aquele que pedir a “razão da esperança” que há em nós (1Pe 3:15). Precisamos participar ativamente do grande movimento que terminará a pregação das três mensagens angélicas ao mundo (Ap 14:6-12), quando “servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, se apressarão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu”.¹³ ■

Referências:

- ¹ Ver J. N. Andrews, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 3ª ed. rev. (Battle Creek, MI: Review & Herald, 1887); J. N. Andrews e L. R. Conradi, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 4ª ed. rev. e ampl. (Washington, DC: Review and Herald, 1912); Henneth Strand, ed., *The Sabbath in Scripture and History* (Washington, DC: Review and Herald, 1982).
- ² Ver Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity* (Rome: Pontifical University Press, 1977).
- ³ Ver Alberto R. Timm, “A importância das datas de 508 e 538 d.C. para a supremacia papal” *Parousia* (Unasp-EC), ano 4, nº 1 (Primeiro semestre de 2005), p. 7-18.
- ⁴ Ver Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*, 5ª ed. (Engenheiro Coelho, SP: Unaspess, 2009), p. 90-96, 205-214.
- ⁵ Alguns conceitos básicos do presente artigo foram extraídos de Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia: Por que Deus faz questão de um dia* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010).
- ⁶ Hans K. LaRondelle, *Our Creator Redeemer: An Introduction to Biblical Covenant Theology* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2005), p. 8.
- ⁷ A. R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas*, p. 193-198.
- ⁸ Ver Alberto R. Timm, *Revista do Ancião*, janeiro-março de 2007, p. 27.
- ⁹ M. L. Andreasen, *The Book of Hebrews* (Washington, DC: Review and Herald, 1948), p. 173.
- ¹⁰ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 283.
- ¹¹ _____, *O Grande Conflito*, p. 605.
- ¹² _____, *Primeiros Escritos*, p. 33.
- ¹³ _____, *O Grande Conflito*, p. 612.





Professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews e editor associado da Adventist Review e da revista Adventist World

A síndrome de Geazi

Em nosso envolvimento rotineiro com o Santo, corremos o perigo de banalizá-lo, enveredando pelos caminhos que nos distanciam da excelência pastoral. Mas existe saída

Rudolf Otto, professor de Teologia Sistemática em diferentes universidades alemãs, no início do século 20, publicou um livro referencial, no qual discute a noção básica do Santo em todas as religiões.¹ Embora eu não concorde com muitas das ideias expostas no livro de Otto, é importante a noção do Santo como uma categoria única de religião. Falar de Deus é falar a respeito do Santo, porque Deus é verdadeiramente “Outro” que não pode ser comparado a nenhum ser ou coisa neste planeta (Is 46:5). Ele está muito além de nossas imagens mentais e ideias; é infinitamente superior aos nossos mais elevados pensamentos.



Neste artigo, examinarei o relatório bíblico sobre alguém que, em tudo o que se disse a respeito dele, estava em contato íntimo com o Santo e vivia dia a dia na presença de um mensageiro divinamente designado. Desafortunadamente, a história que analisaremos não contém todas as lições que podem ser aprendidas e colocadas em prática por pastores diligentes, administradores da igreja, professores de Bíblia e de Teologia. Essa é, na verdade, uma história que descreve a vida real. Entretanto, ela nos coloca diante de uma questão que atinge diretamente o coração dos problemas e desafios daqueles entre nós que empregam a maior parte do tempo na presença do Santo e podem estar em perigo de “sofrer” familiaridade com o Santo.

Ministério de primeira fila

Imagino que Geazi não podia acreditar em seus olhos, quando via uma pessoa declaradamente morta caminhar ressuscitada entre os vivos, ou quando participava na alimentação miraculosa de centenas de pessoas. Mas, ele tinha como que um assento na primeira fila e observava bem de perto o ministério de um dos mais maravilhosos profetas de Israel. Sim, Eliseu tinha recebido porção dobrada do Espírito de Deus (2Rs 2:9), e os rabis foram rápidos em apontar que ele realizava duas vezes mais milagres que seu predecessor, Elias.²

Claramente, ao pedir porção dobrada do Espírito de Elias, Eliseu invocou Deuteronômio 21:17, onde encontramos que o filho primogênito devia herdar porção dobrada em relação à herança que cabia aos outros filhos. Reconhecemos esse pedido como outro rápido vislumbre do caráter de Eliseu, servo de Elias.³ Humilhado e, como imagino, subjugado diante da tarefa que tinha diante de si, Eliseu compreendeu que uma porção dobrada do Espírito de Elias era necessária para enfrentar o desafio.

O relacionamento de Geazi com Eliseu era semelhante ao relacionamento que este manteve anteriormente com seu mestre, Elias. Ele

era um irrequieto aprendiz. Estava presente quando Eliseu demonstrou visivelmente que o Deus de Israel era completamente Outro e não devia ser comparado com Baal, Moloque ou Asera. Na verdade, Geazi sugeriu a Eliseu que uma das maiores necessidades da mulher sunamita era um filho, sendo que ela era estéril (2Rs 4:14). Foi também Geazi quem mais tarde correu adiante de Eliseu a fim de colocar o bordão do mestre sobre a face de um garoto morto. Geazi era pronto para agir, mostrava iniciativa, tinha sido treinado por um dos melhores mestres e, aparentemente, estava pronto para avançar.

A história de Naamã

Certa garota israelita, cujo nome não sabemos, indicou o profeta em Israel ao comandante do exército sírio – que enfrentava não apenas uma emergência médica, mas também ostracismo e isolamento social. Geazi também deve ter sido apresentado, quando Naamã, o general sírio, bateu à porta de Eliseu, embora o texto bíblico não o mencione pelo nome até chegarmos ao anticlímax da narrativa em 2 Reis 5:20. Talvez ele tenha sido o mensageiro enviado por Eliseu com a ordem para que Naamã fosse ao rio Jordão e nele mergulhasse sete vezes (2Rs 5:10). Ele deve ter ficado impressionado com o fato de que o ministério de Eliseu aparentemente se movia para um nível mais elevado. A batida na porta de Eliseu naquele dia significou que ele já não era qualquer aventureiro local, mas se tornara celebridade internacional.

A reação inicial de Naamã à mensagem de Eliseu não foi favorável. Naamã ficou frustrado, talvez, com justiça. Era o consultor de segurança do poderoso rei sírio, foi a Eliseu e não recebeu nenhuma demonstração especial de cortesia. Nem mesmo teve um diálogo face a face com o operador do milagre. Um simples recado de uma frase foi tudo o que conseguiu.

Naamã também não gostou de olhar o barrento rio Jordão (que, fora da estação das chuvas, não é um

rio muito impressionante), e estava a ponto de voltar para casa, aborrecido, frustrado e decepcionado. Felizmente, ele tinha uma equipe leal de servidores que o encorajaram a tentar – e ele tentou. Por sete vezes, ele mergulhou nas águas do rio. Nas primeiras seis vezes, enquanto olhava as mãos e os braços, suas esperanças se desvaneceram. Mas, na sétima vez, foi diferente. Ele ficou curado. Então, se levantou e foi pagar tributo (e dar alguns ricos presentes) a Eliseu e confessar sua recém-adquirida fé. Somente então ele, finalmente, encontrou pessoalmente o profeta Eliseu que, gentil e pacientemente, o guiou à verdade seguinte.

Não, ele não quis nenhum bem de Naamã, ou dele não necessitava. Ele se contentava com o plano inicial de Deus para Israel: ser uma luz às nações que pudesse atrair, de modo que lhes despertasse o interesse e levasse pessoas a descobrir o Deus que residia em Sião.

A história de Geazi

Por sua vez, Geazi não ficou contente com tal reação. Agindo em segredo, ele seguiu Naamã, correndo até alcançar o agradecido comandante sírio. Inventou uma história e, para seu deleite, recebeu dois talentos (60 quilos) de prata e dois conjuntos de vestes. Tudo estava ótimo. Nunca mais teria que se preocupar a respeito de comida para o dia seguinte. Voltando à casa de Eliseu, Geazi tentou cobrir seus rastros. Imagino que ele entrou assobiando, como se fosse um servo inocente pronto a dar informações sobre o cumprimento do dever.

Eliseu apenas lhe fez uma pergunta direta: “Donde vens, Geazi?” (2Rs 5:25), e ele continuou inventando sua visão distorcida da realidade (podemos chamar isso de mentira). Como podia ele ter esperado que seu mestre não estivesse atento a isso – um mestre que mantinha comunhão íntima com o Criador e Mantenedor do Universo, um mestre que ressuscitou o filho da sunamita, alimentou pobres famintos e sabia o que um rei

gentio segredava de noite na cama (2Rs 6:12)? Ainda que tivesse pensado ser possível enganar Eliseu, como podia evitar o Senhor, Aquele em cujo nome o profeta realizou todos esses atos milagrosos?

Eliseu fez a Geazi uma pergunta direta que tem sido feita muitas vezes, com o passar dos séculos: “Era isto ocasião para tomares prata e para tomares vestes, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas?” (2Rs 5:26). Não era, e o juízo divino sobre Geazi foi imediato e de longo alcance. Sua ganância atraiu para si a lepra de Naamã e lhe custou o privilégio de ter assento na primeira fila diante das maravilhosas demonstrações dos sinais e milagres divinos.

Nossa história

Sou pastor ordenado, trabalho como professor de Antigo Testamento e estudos sobre o antigo Oriente Próximo. Ultimamente, passei a trabalhar também como editor associado da *Adventist Review* e da *Adventist World*. Às vezes, tenho notado nas últimas décadas que a familiaridade com o Santo pode levar a atitudes e ações semelhantes à de Geazi. Confesso que nunca testemunhei uma resposta tão imediata como a de 2 Reis 5, mas devo dizer que essa mal orientada familiaridade com a santidade de Deus, frequentemente nos leva para além do foco de nosso ministério.

Oramos todo o tempo, pública e privativamente, e pode ser que a oração tenha perdido seu mistério.

Abrimos as Escrituras para pregar ou ensinar, todo o tempo, pública ou privativamente, e pode ser que a Palavra de Deus tenha perdido sua maravilha e seu poder.

Testemunhamos (ou ouvimos) a respeito do poder transformador de Deus, todo o tempo, e pode ser que tenhamos nos tornado sarcásticos ou mesmo cínicos.

Acaso, tem você percebido a síndrome de Geazi em seu ministério, ultimamente? Tem você sentido que Deus, o Santo Deus das Escrituras, que

operou na vida de Seu povo e Se sacrificou em Jesus, tem Se tornado algo como antiquado e, talvez, enfadonho?

Às vezes, tenho chegado perto desse sentimento, e gostaria de partilhar quatro elementos que têm me ajudado a redescobrir a maravilha, o poder e majestade desse Deus Santo que me chamou para Seu serviço. Talvez, alguns desses elementos possam ajudá-lo também.

Relembre seu primeiro amor por Jesus. Lembre-se (e relate) de como Ele o chamou para Seu ministério. Não, isso não significa realçar sua biografia ou mostrar à sua congregação que você é melhor do que ela, mas é uma lembrança de onde você veio e que, à parte de Deus, seu pastorado nada é. Eu gostaria de saber o que aconteceria se Geazi tivesse parado para recordar o tempo em que Eliseu o convidou para servir ao Deus de Israel. Seguramente, ele se comportaria com mais respeito.

Planeje tempo para devoção pessoal. Vejo nessa prática um elemento-chave necessário para evitar a síndrome de Geazi. Quando falamos com o Criador do Universo e nosso Salvador pessoal, e O ouvimos, devemos ter atitude de respeito, reverência e admiração. Ele realmente cuida de todos nós e Se importa mesmo com aqueles inconstantes e cansados servos que, momentaneamente, podem ter perdido seu caminho. A prática da oração nos ajuda a lembrar de nossa absoluta dependência desse Deus Santo. Acaso, estava Geazi tão ocupado, olhando a bolsa de valores, observando os indicadores econômicos ou analisando as estatísticas do ministério de Eliseu, que não tinha tempo suficiente para orar pessoal e silenciosamente a Deus?

Encontre um parceiro de oração a quem você possa prestar contas. Esse deve ser uma pessoa que lhe seja confiável, que ame ao Senhor e diante de quem você possa ser aberto em relação às suas lutas. Diante desse parceiro, você pode abrir o coração e se sentir seguro por fazer isso. Infelizmente, nosso senso de

posição e hierarquia nos impede, algumas vezes, de encontrar um colega ministerial que possa atuar como nosso parceiro de oração. Posso eu realmente orar a respeito de tudo o que me preocupa, com meu colega pastor vizinho de distrito, ou com o colega do escritório ao lado? Será que Geazi sentia um pouco disso, especialmente com os colegas das escolas de profetas ao redor dele?

Periodicamente, deixe de pensar sobre seu ministério e de se preocupar em traçar novos caminhos para fazer avançar o reino. O reino não é seu nem meu. Ele pertence ao Mestre. Embora espere e deseje que sejamos criativos e centralizados na missão, Ele deseja muito mais que invistamos tempo de qualidade com Ele. Recue, para um momento de reflexão, e deixe Deus falar a você sobre planejamento. Analisando as ações de Geazi, depois que ele voltou trazendo prata e vestes, talvez ele tenha se mostrado hábil planejador e estrategista. Bem, nem tanto.

Sou grato a Deus pelo fato de as Escrituras estarem cheias de pessoas imperfeitas, com as quais posso me identificar. Também sou grato porque o próprio Jesus tomava tempo, em Seu atarefado ministério, para refletir, e ensinou aos discípulos: “Vinde repousar...” (Mc 6:31). Ao lado do repouso físico, parece que eles necessitavam se reabastecer e recalibrar espiritualmente.

Enquanto estou lutando para evitar a síndrome de Geazi, tornando-me exagerada e distorcidamente familiar com o Santo, ao ponto de banalizar essa familiaridade, reconheço que necessito parar completamente e redirecionar minha própria vida. E quanto a você? ■

Referências:

¹ Rudolf Otto, *The Idea of the Holy* (Hamondsworth: Pequin Books, 1959).

² R. E. Petterson, *Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988), v. 4, p. 177, 178.

³ O termo hebraico descritivo da qualidade de “servo” de Eliseu (1Rs 19:21) é o mesmo que descreve o relacionamento entre Moisés e Josué (Js 1:1) e não é a palavra típica usada para descrever outros tipos de servo.



Da esquerda para a direita: pastores G. T. Ng (secretário) e a esposa, Ivy, Ted Wilson (presidente) e a esposa, Nancy, e Robert Lemon (tesoureiro reeleito) e a esposa, Sherry.

Em uma entrevista concedida poucas horas após sua eleição, o novo presidente enfatizou a dependência de Deus, pois a função de liderar o povo de Deus “está além da capacidade humana. Recebo a nomeação com humildade e me sinto extremamente honrado”. Entre as prioridades imediatas de seu trabalho, ele destacou o reavivamento da igreja, além de nova ênfase na autoridade da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White.

Ainda no dia 25, foram eleitos os pastores G. T. Ng e Robert E. Lemon, respectivamente como secretário e tesoureiro.

ELEITO NOVO PRESIDENTE MUNDIAL DA IGREJA

O pastor Ted N. C. Wilson, 60 anos, foi eleito presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo dia, durante assembleia realizada em Atlanta, Estados Unidos, no dia 25 de junho.

Ted Wilson é filho do ex-presidente da Igreja, pastor Neal Wilson, e começou a carreira pastoral em 1974 em Nova York, onde ficou até 1980. Em seguida, atuou na África e depois na Europa. Em 1996, se tornou presidente da *Review and Herald*, a mais antiga editora da igreja. Mestre em Saúde Pública e doutor em Educação Religiosa, Ted é casado com Nancy Louise Vollmer Wilson. O casal tem três filhas.

OS LÍDERES DA DIVISÃO SUL-AMERICANA



Pastor Erton Köhler e a esposa, Adriene

A liderança da Divisão Sul-Americana continuará por mais um quinquênio sob a responsabilidade do pastor Erton Carlos Köhler, reeleito presidente, aos 42 anos. Natural do Rio Grande do Sul, casado com Adriene Köhler, ini-

ciou seu pastorado em 1990 e, no fim de 2006, se tornou o mais jovem presidente de uma região administrativa mundial da igreja. Köhler terá a missão de liderar dois milhões de adventistas em oito países da América do Sul.

O pastor Magdiel Perez foi eleito secretário da DSA e, em substituição ao pastor Marino Oliveira, foi eleito como tesoureiro o pastor Marlon Lopes de Oliveira. Confira a lista dos diretores de departamentos:

Alberto Timm – reitor do Seminário Latino-americano de Teologia e diretor de Espírito

de Profecia.

Almir Marroni – diretor de Publicações.

Areli Barbosa – diretor do Ministério Jovem.

Bruno Raso – secretário ministerial.

Carlos Sanchez – diretor de Escola Sabatina.

Edgar Luz – diretor de Educação.

Edison Choque – diretor de Missão Global e Ministério da Família.

Edson Rosa – diretor de Comunicação e Liberdade Religiosa.

Günther Vallauer – diretor da Adra.

Jolivê Chaves – diretor de Ministério Pessoal.

Luís Gonçalves – diretor de Evangelismo.

Miguel Pinheiro – diretor de Mordomia Cristã, Temperança, Testamentos e Legados.

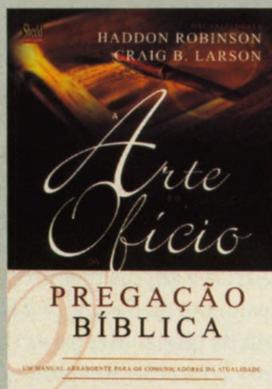
Soledad Sanchez – diretora do Ministério da Criança e do Adolescente.

Wiliane Marroni – diretora do Ministério da Mulher e Ala Feminina de Apoio ao Ministério, Afam.

JERRY PAGE É O NOVO SECRETÁRIO MINISTERIAL DA AG

Em substituição ao pastor James Cress, falecido em novembro de 2009, a assembleia mundial da Igreja Adventista escolheu o pastor Jerry Page como novo secretário ministerial. Page atuava como presidente da Associação Califórnia Central. Seus associados serão eleitos durante o concílio outonal a ser realizado em outubro. Para a coordenação mundial da Área Feminina de Apoio ao Ministério, Afam, foi nomeada Janet Page, esposa do pastor Jerry.



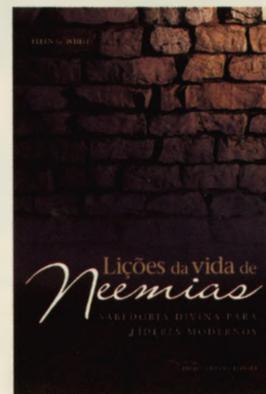


A ARTE E O OFÍCIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA – Haddon Robinson e Craig B. Larson (organizadores), Shedd Publicações Ltda, São Paulo, SP, tel.: (11) 3577-0177, sheddpublicacoes@uol.com.br, 887 páginas.

Este livro é uma verdadeira “arca do tesouro” para o pregador. Considerado o “livro do ano” na área de pregação, pela revista *Preaching*, é abrangente em escopo, cobrindo todos os aspectos da homilética de inúmeros ângulos. Proporciona não somente uma fonte de informações, mas também um fórum para diferentes perspectivas. Uma antologia de mais de 200 capítulos escritos por alguns dos pregadores mais respeitados da atualidade.

LIÇÕES DA VIDA DE NEEMIAS – Ellen G. White, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 79 páginas.

Contendo um prático Guia de Estudos, *Lições da Vida de Neemias* reúne 19 capítulos curtos para desvendar os segredos do sucesso desse grande líder do passado e aplicar as informações no contexto atual. Ideal para ser usado em Pequenos Grupos ou para leitura e estudo individual. Trata-se de um livro objetivo que traz a autoridade da orientação divina através de Ellen G. White, e que ajuda a preparar líderes e membros da igreja para os desafios que atualmente ela enfrenta.



PSICOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E QUALIDADE DE VIDA – Noel José Dias da Costa e Tercia Pepe Barbalho (organizadores), Unasp, campus 1, São Paulo, SP; tel. (11) 2128-6100, www.unasp.br, 152 páginas.



Compreendida como fenômeno potencialmente promotor de saúde, a espiritualidade é discutida neste livro. Ele reúne exposições de diferentes autores sobre as relações entre a Psicologia, o desenvolvimento da espiritualidade e a qualidade de vida. Trata-se de uma publicação que se coloca na vanguarda das discussões contemporâneas sobre esse tema.

VEJA NA INTERNET

www.missaourbana.net



Inaugurado em maio deste ano, esse *site* é mantido pelo Departamento de Evangelismo da Associação Paulista Leste. Embora seu propósito inicial seja mentorear pastores, evangelistas voluntários, estudantes envolvidos no plantio de novas igrejas e todos os membros envolvidos na diversidade de ministérios no contexto urbano dessa Associação, suas informações estão disponíveis para todos os que têm o coração na seara do Mestre. Mesmo sendo um *site* relativamente novo, é possível ser encontrada uma variedade de artigos sobre a missão e o crescimento da igreja, plantio de novas congregações, reflexões missionárias, recursos e materiais evangelísticos, além de um currículo de treinamento missionário para as igrejas. – *Emílio Abdala*



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Necessita-se de pastores

Conta-se que os líderes de uma igreja procuravam o que imaginavam ser o melhor pastor para ela. “Deve ser doutor em Teologia, com passado irrepreensível e de reputação perfeita. Nem muito jovem nem muito velho. Que faça sermões curtos e objetivos. Também deve ter conhecimentos em Psicologia, para aconselhar sabiamente, e o mesmo entusiasmo para partilhar a esperança do evangelho tanto para milhares como para uma só pessoa.”

Então analisaram os candidatos à vaga imaginária:

Mateus: Bom pregador, mas não tem bom passado. Foi um implacável cobrador de impostos e, pelo que se diz, desonesto.

João: Viu a glória de Deus e seu testemunho é forte. Mas, é muito jovem e impulsivo. Chamam-no, por isso, de “filho do trovão”.

Pedro: Embora o poder de Deus tenha se manifestado nele, trata-se de um simples pescador, sem expressão social, inculto e agressivo.

Paulo: Daria a vida para levar alguém a Cristo, mas já esteve preso, participou do assassinato de um homem, maltratou muitas pessoas. Tem alguns sermões muito longos.

Noé: Pregou 120 anos e não converteu ninguém. Tende a ter projetos mirabolantes de construção.

Abraão: É muito velho.

José: Pensa grande, mas é um pouco jactancioso, acredita em sonhos e tem antecedentes de prisioneiro.

Moisés: É modesto e humilde, mas é pobre na comunicação e meio gago. Às vezes, também age precipitadamente. Dizem que deixou uma igreja por causa de um homicídio.

Salomão: Erudito e sábio, tem facilidade para resolver conflitos. É grande pregador, mas não haveria igreja para caber todas as suas esposas.

Elias: Enfrentou corajosamente muitos conflitos, mas possui tendências depressivas.

Oseias: É um pastor amoroso e terno, mas a congregação não toleraria sua esposa.

João Batista: É controverso e tem dieta muito estranha.

Judas: Ótimas referências. É persistente, conservador, tem bons contatos, bom administrador financeiro. Parece ser o melhor...

Felizmente, Deus tem outra lógica para escolher Seus servos. Escolhe-nos não pelo que somos, mas pelo que chegaremos a ser, transformados por Sua graça. Não importa nosso passado, mas nosso presente e futuro. Porém, embora felizes e agradecidos pelo privilégio dessa escolha, ainda não chegamos a ser o que o Senhor deseja que sejamos. Acaso, falhou algo nas promessas de Deus? Definitivamente, não! Ele é infalível; Seu poder é ilimitado. Então, devemos nos examinar e avaliar bem o nível de entrega e dedicação com que exercemos nosso pastorado.

Necessita-se de pastores que se lembrem de que “nos tornamos participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos” (Hb 3:14).

Necessita-se de pastores que possam “ter fé, viva fé. Deus é nossa eficiência, a fonte de todo o poder. Seus recursos não se podem esgotar... Para todos aqueles cujas mãos se estão debilitando, prestes a deixar o apego, tenho a palavra: Segurem com mais firmeza o estandarte! Diz a fé: Avancem! Vocês não devem fracassar, nem se desanimar. Não há fraqueza de fé naquele que está constantemente avançando” (Ellen G. White, *Para Conhecê-Lo* [MM, 1965], p. 170).

Necessita-se de pastores que, assim como Jesus, digam: “A Minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou e realizar a Sua obra” (Jo 4:34).

Sim, necessita-se de pastores que digam como Paulo: “Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. Se mais vos amo, serei menos amado?” (2Co 12:15). Vivamos e trabalhemos de modo que, num futuro não muito distante, já não mais celebremos o dia do pastor aqui na Terra, mas desfrutemos a eternidade com o Príncipe dos pastores. ▀

23 de outubro

Dia da Pastor

...E DAS VOCAÇÕES MINISTERIAIS

...fazer a vontade d'Aqulele que me enviou e realizar a Sua obra (João 4:34)

